DEPÓSITO LEGAL
J. 224
BIBLIOTECAS MUNICIPAIS LISBOA

Redacção, Administração e Oficinas
Misericórdia, 116
LISBOA
Telefones
32 - 25136 - 25040
Propriedade da «EDITORIAL REPUBLICA»

O jornal da tarde de maior circulação em todo o País

República

Director: CARVALHAO DUARTE — Director-Adjunto: ALFREDO GUISADO
Fundado em 1911 pelo DR. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA — Chefe da Redacção e Editor: ARTUR INEZ

DOMINGO 1 ABRIL
2.ª SÉRIE (1956)
ANO 15.º-N.º 9081
Preço avulso $80

PAZ, PROSPERIDADE E PROGRESSO

será a divisa eleitoral da campanha de Eisenhower para a Presidência

WASHINGTON, 1. — Deve a política externa americana exercer-se conforme as normas da diplomacia tradicional, pela via das Chancelarias e de eventuais conferências internacionais, ou deverá, pelo contrário, ser traçada em frequentes encontros pessoais dos «dirigentes»?

Está posta a questão, abertamente, na capital americana, e as respostas conhecidas indicam que as opiniões dos diplomatas profissionais e dos políticos não coincidem. Para os primeiros, a solução dos problemas internacionais só poderá encontrar-se em longas negociações diplomáticas, rematadas por algumas conferências espectaculares, destinadas a impressionar a opinião publica, mas cuja missão é simplesmente aprovar acordos concluidos pelos especialistas. Para os outros, o contacto directo, a conversa de homem para homem, sem formalidades e sem protocolo, é mais apta a dar resultados rápidos e concretos no domínio das relações entre países.

A insistência com que a Casa Branca fala da simplicidade e do êxito da recente conferência de White Sulphur Springs, indica bem quais são

(Continua na ultima página)

O caso do jornal comunista

norte-americano, cujos bens foram confiscados

NOVA YORK, 1. — A pedido dos advogados do jornal «Daily Worker», o juiz de instrução, Edward Weinfelx, citou o director das contribuições directas, Donald Moisés, para se apresentar na próxima terça-feira, de manhã, no juizo respectivo, a fim de explicar a sua decisão sobre a apreensão dos bens e documentos pertencentes áquele jornal. — F. P.

Um diamante português

avaliado num milhão de dólares

Harry Winston, famoso pela sua colecção de jóias, encontra-se em Milão, onde prepara uma exposição de valiosíssimos diamantes. Um deles é português e está avaliado na importancia fabulosa de um milhão de dólares. Aqui vemos, a admirá-lo, com êxtase, uma locutora da Rádio e Televisão italianas

Forma engenhosa

de os doentes hospitalizados se pôrem em contacto com seus filhos

MORRISTON (Nova Jersey), 1 — Os pais que se encontram doentes no Memorial Hospital desta cidade terão possibilidades de ver seus filhos pela televisão, e falarem com eles, ao mesmo tempo, pelo telefone, por intermédio de um novo aparelho que acaba de entrar em funcionamento.

O aparelho, que opera durante cinco minutos quando se mete uma moeda numa ranhura, permite aos doentes verem e falarem a crianças que sejam demasiadamente novas para visitarem pessoalmente as enfermarias. — R.

A GUERRA NA SELVA MAIA

SINAPURA, 1. — Ching Peng, dirigente do Partido Comunista de Malaca, enviou uma carta ao primeiro ministro da Federação, Tanku Abdul Rahman, informando estar pronto a efectuar conversações destinadas a pôr fim á guerra na selva malaia.

A carta esclarece, porém, que os comunistas não estão dispostos a render-se e que apenas poriam fim á luta se lhes fosse garantido estatuto politico igual ao dos outros Partidos e lhes fosse prometido que não haveria represálias. — R.

As Reacções Ocidentais

ao novo plano Soviético de desarmamento

LONDRES, 1. — Consternação e cepticismo são, no dizer do «Observer» e do «Sunday Times», as reacções ocidentais ao novo plano soviético de desarmamento.

O redactor diplomático do «Sunday Times» afirma que esse plano, que aparentemente hesita em tratar da questão essencial do desarmamento atómico, consternou os altos funcionários ingleses, franceses e americanos, interpretando-o estes como empenho dos russos em pôr termo á corrida aos armamentos convencionais, intensificando, ao mesmo tempo a produção de armas atómicas.

Acrescenta o articulista que, para uma nação como a França, que não dispõe de armas atómicas, o plano russo constitui um preságio inquietante. De resto — sublinha — Jules Moch não dissimulou a sua preocupação.

No dizer do «Observer», os especialistas ocidentais pensam que o plano soviético revela o desejo russo de reduzir o fardo financeiro que o seu enorme exército representa. Em contrapartida, o plano de modo nenhum procura suprimir as causas profundas da tensão mundial: a corrida aos armamentos atómicos.

Nota mais adiante o «Observer» que um certo numero de propostas — nomeadamente o plano Eden modificado e a re-

(Continua na 11.ª página)

AS FORÇAS DE SEGURANÇA

esperam que os rebeldes argelinos desencadeiem uma vaga de ataques

ARGEL, 1 — As forças de segurança da Argélia encontram-se hoje de prevenção para fazer face a uma possivel vaga de ataques dos rebeldes argelinos durante a Páscoa.

Esta decisão seguiu-se à descoberta, em Orleansville, de um plano terrorista de ataque e sabotagem na cidade e na região vizinha.

A polícia de Argel e muitas outras cidades da Argélia foi reforçada e foram postadas tropas nas estradas que seguem para os bairros árabes.

Outras unidades estão de prevenção para intervenção imediata.

Nas últimas 24 horas foram mortos 94 rebeldes em recontros com as forças de segurança em toda a Argélia.

A leste do Departamento de Constantine travam-se ferozes combates entre os rebeldes e tropas transportadas em helicópteros.

EXPLOSÃO DE UMA GRANADA NUM «CAFÉ»

ARGEL, 1 — Um rapazinho europeu de quatro anos perdeu a vida e mais três pessoas feriram-se gravemente, ontem à noite, na explosão de uma granada atirada para dentro de um «café», em pleno centro de Tlemcen. Os estragos materiais são grandes. — F. P.

Atentados

EM FAMAGUSTA

onde três soldados ficaram feridos

NICÓSIA, 1. — Os terroristas lançaram três bombas contra uma patrulha móvel do Exército em Famagusta, esta manhã, ferindo três soldados britanicos, dois dos quais se encontram em estado grave.

O ataque, no porto da costa oriental, deu-se no momento em que estavam a ser tomadas precauções na ilha para fazer face a manifestações por ocasião do primeiro aniversário da EOKA, organização clandestina que luta pela união de Chipre com a Grécia.

Nicósia, a capital, encontra-se sob ordem de recolher durante o fim de semana para impedir quaisquer demonstrações em grande escala ou actos de violência para assinalarem o aniversário de hoje. — R.

CHIPRE e a NATO

WASHINGTON, 1. — O «Washington Post» sugeriu de novo que a questão de Chipre fosse apresentada ao Conselho da Organização do Pacto do Atlantico Norte.

O jornal discute, num artigo de fundo, a fórmula apresentada pelo dr. Geoffrey Fisher, arcebispo de Cantuária, para a concessão de uma constituição a Chipre, restabelecimento da ordem e regresso do arcebispo Makários.

«O problema de restabelecer a ordem é dificil mas não será resolvido meramente pela confiança numa política de braço forte. A questão de Chipre deveria ter sido examinada no Conselho da NATO há muito tempo».

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Obra de carinho por crianças que sofrem

«República» realizou, hoje a sua 19.ª Jornada ao Outão

Com o mesmo êxito dos anos anteriores — êxito de boa compreensão e de interesse por pequeninos mártires — «Republica» realizou hoje a sua 19.ª visita anual ao Sanatório Marítimo do Outão. De manhã saíram do nosso jornal os enviados de «Republica» que, a meio da tarde, procederam á distribuição de amêndoas, chocolates, brinquedos e artigos de uso pessoal ás centenas de crianças que ali se encontram internadas. Assistiram á visita, o director e todo o pessoal do Sanatório, assim como muitas pessoas de família dos internados. Foi uma festa encantadora e emocionante.

«Republica» publicará amanhã desenvolvida reportagem da cruzada, que acaba de realizar e que fica devendo á bondade dos seus leitores e amigos.

Mais ofertas enviadas:

Alexandre da Fonseca, Porto, 20$00; Zulmira da Fonseca, Porto, 20$00; Carlos da Fonseca, Porto, 20$00; Cardoso Jr., Porto, 50$00; António da Luz Testa, Lisbo, 20$00; Professor pintor António Sau-

(Continua na 8.ª página)

Os aldeões supersticiosos

opõem-se à escalada do Monte Manaslu

KATMANDU, 1 — Aldeões supersticiosos, receando a ira dos deuses da montanha, impediram que uma expedição japonesa continuasse a marcha para o Monte Manaslu, no Himalaia, de 8.000 metros, segundo uma mensagem recebida nesta cidade. O povo da aldeia de Sama atribui a fome e as epidemias à ira dos deuses da montanha, após a primeira expedição japonesa. — R.

N.º 285 1-4-1956

TERCEIRA PARTE

A MARIA DA FONTE

VI

O CHEFE

E logo todos o secundaram do mesmo modo, olhando agora quase ameaçadores os homens da cidade.

Eles lançavam olhares impacientes para a estrada e, como se os seus golpes de vista tivessem um poder mágico, ouviu-se a corneta de um destacamento e apareceram alguns soldados que se dirigiram para o local onde os camponeses continuavam cada vez mais desesperados.

A Maria da Fonte viu os soldados, o rosto tornou-se-lhe pálido, arrancou a foice da mão de uma ceifeira e, empunhando-a, exclamou:

— E mandam-nos tropa... Querem roubar as nossas cearas! A eles, rapazes!

E ela foi a primeira a correr, enquanto os outros a seguiam, bradando:

— Abaixo os soldados!

Os comissários corriam a refugiar-se no meio da tropa, que carregava as espingardas e se dispunha a atacar os camponeses revoltados.

Porém, como por encanto, dentro em alguns minutos, todos os braços apareciam armados de escopetas e os minhotos estavam prestes a responder aos soldados.

Faltava apenas um sinal para que a luta se travasse, esse sinal foi a voz de comando do oficial, bradando:

— Fogo!

Os tiros soaram numa fuzilaria cerrada e os camponeses recolheram-se nos portais, buscando escapar ao fogo.

Apenas uma mulher se colocou a meio da estrada, agarrando uma espingarda e bradando:

— Avante, rapazes! Abaixo a tropa...

— Eh! Até é uma vergonha ser uma gaiata quem dê o exemplo! — bradou o tio Paulo correndo para o seu lado.

E logo toda a multidão, homens e mulheres, no auge da excitação, correram por seu turno para o lado dos companheiros, soltando imprecações.

Depois, quando a tropa avançou, eles receberam-na a tiro, numa fuzilaria certeira que feriu alguns homens, e os comissários, subindo para o seu carro, fugiram pela estrada fora, enquanto a tropa lhes guardava a retirada.

Mas era forte em demasia o fogo dos minhotos, habituados à caça, além naquela terra onde até as mulheres manejavam espingardas com destreza, era horrível o clamor levantado às primeiras nuvens de pólvora, ante aquele cheiro activo que gerava heróis; e os campónios, guiados pela Maria da Fonte, avançavam para os soldados que lhes voltavam as costas, e começavam a debandar em direcção à vila.

Mas dos lados da Fonte Arcada, um homem caminhava de espingarda ao ombro, e ao ver os soldados que avançavam para o seu lado, num ar ameaçador, ele que não tomara parte na contenda, apenas teve tempo de saltar para um valado, apontar a sua arma ao oficial e gritar:

— Eh! Ldrões do alheio, não fujam!

— É o António Joaquim! É o António Joaquim! — exclamou a Maria da Fonte ao reconhecê-lo.

E corria cada vez mais em perseguição da soldadesca, que se revoltava enfurecida ao ver o arrojo de um homem só.

Porém, a rapariga arrastava consigo o bando e quando eles iam apontar as suas espingardas, sentiram na retaguarda uma fuzilaria tremenda e alguns homens feridos davam o sinal da fuga, afastando-se do bando desesperdo, que, tomado de fúria, os perseguia sempre, guiado pela jovem, que se colocara ao lado do António Joaquim, o qual lhe dizia:

— Tu... Tu, Maria, metida nestas lutas!

— Meu amigo, tu has-de ser o meu marido e é necessário que saibas como são as mulheres do Minho. Não é só no campo com o arado, é também defendendo os seus interesses! Anda, ajuda-me a bater estes patifes!

Os soldados corriam cada vez mais em direcção à Fonte Arcada, levados assim desde Bagães, e uma vez entrados na povoação assaltavam as casas, pediam para se recolherem, eles os vinte ou vinte e cinco homens, que queriam vencer a aldeola minhota.

Os camponeses, como admirados da sua audácia, olhavam-se ainda, seguravam as espingardas fumegantes e encaravam de seguida essa mulher, que os conduzira àquele passo e que bradava para o conversado:

— E se vierem outros suceder-lhes-á o mesmo! Antes a morte do que fazerem pouco de nós outros. Enterram as pessoas da nossa família aí pelos cantos, querem o nosso dinheiro, pois aprendam como o povo se defende, depois de muito espezinhado!

Nas aldeias vizinhas constara a contenda, de todos os lados apareciam homens armados, semblantes bondosos que a cólera transfigurava, oferecendo os braços robustos, mulheres empunhando foices e chuços e que rodeavam a noiva de António Joaquim.

Era como uma agitação nos tempos do feudalismo, quando os escravos se revoltavam contra os senhores. Amontoavam-se nessa nova «Jacquerie» e clamavam os seus gritos, que deviam ser secundados pelo país inteiro.

Os soldados, metidos nas casas, tremiam, os comissários do governo quase suplicavam piedade.

Três homens que desciam do monte em direcção à vila paravam por momentos, olhando o exército plebeu.

E um deles, voltando-se para um cego que envergava o hábito de igresso, muito esfarrapado, muito pobre, exclamou:

— Já não sois necessário, fr. Jerónimo... Precisamos apenas das vossas palavras para a agitação! O chefe! O chefe! Já deve existir!

— Mas quem será? — interrogou o centenário com voz tranquila.

E a resposta chegou, trazida pela aragem, quando o povo de Bagães berrou:

— Abaixo o governo! Viva a Maria da Fonte!

Os outros, de todas as povoações vizinhas que chegavam, secundavam o grito.

E o dr. Arnaldo disse para o igresso:

— É aquele o nome do chefe! É ela o chefe de toda essa agitação que se há-de espalhar no país, assim o espero...

— Oh! Eu parto para o Porto a preparar as coisas! — bradou o ex-administrador e dizendo, apertando-lhe a mão:

— Chegou o momento do triunfo!

Cá em baixo o bacharel Vieira, abraçava a heroína, ao mesmo tempo que a multidão bradava sempre:

— Viva a Maria da Fonte!

— Oh! Será uma revolução republicana! — murmurou o doutor.

— Sim, de patuleias, como os do governo nos chamam! — gritou Vieira.

E a populaça, electrizada, bradou:

— Vivam os patuleias!... Viva a Maria da Fonte!

E agora começara a revolução por aquele poente de cores melancólicas.

Continua

O Problema Racial

na União Sul-Africana

e as pretensões deste país sobre determinadas zonas territoriais administradas pela Inglaterra

CIDADE DO CABO, 1. — É provável que venha a ser discutido na Câmara da Assembleia, dentro em breve, pouco depois das férias parlamentares da Páscoa, um plano para os africanos na União Sul-Africana, que constituem um «verdadeiro Estado dentro dum Estado». O plano é o resultado de cinco anos de estudo duma comissão nomeada pelo Governo, e a que presidiu o conhecido economista prof. H. R. Tomlinson. Recomenda vastos projectos de desenvolvimento agrícola, industrial e económico nas áreas de africanos, com uma despesa de capital de cerca de 104 milhões de libras, nos primeiros 10 anos.

Pedindo uma política separada de fomento para as comunidades branca e negra, o relatório diz que a única alternativa para um tal projecto seria a integração racial, tendo por objectivo final a «liquidação da identidade europeia». As recomendações do relatório sugerem a segregação racial total como incompatível com as áreas existentes agora, onde dominam africanos, e que o programa de segregação prática, identificado com o actual Governo nacionalista, só pode ser alcançado no caso de se tomarem medidas rápidas, segundo a orientação aconselhada pela comissão.

Sete áreas para os africanos são previstas, incluindo os territórios da Suazilandia, Basutolandia e Bechuanalandia, que o relatório diz deveriam ser incorporados na União Sul-Africana. Presentemente acham-se sob o Governo britânico.

Essas áreas viriam a ter eventualmente um sistema de Governo regional semelhante ao actual sistema sul-africano de Governo provincial.

Ainda não foi feita qualquer declaração publica sobre a atitude do Governo para o relatório Tomlinson, que nalguns aspectos diverge da política actual. Mas acha-se que o Governo deve fazer mais do que aceitar em princípio esse relatório.

O relatório, nas suas 3.755 páginas, é tão vasto nos seus objectivos e tão pormenorizado no seu estudo, que deve levar algum tempo, antes de serem bem pesadas todas as suas consequências.

Meios do Partido da oposição, o Partido Unido, dizem que o relatório vai além das intenções do Governo e da interpretação do «spparteid», que tem sido uma questão política desde que os nacionalistas, com o dr. Daniel Malan, derrubaram o Partido Unido do poder, em 1948.

O jornal de língua inglesa «Cape Argus» declara: «Chegou a altura em que o Governo deve dizer se a sua política de «spparteid» é um grande plano construtivo para solucionar o problema rácico ou se é simplesmente um processo de caça ao voto». — R.

As comemorações

do 61.º aniversário da Academia Almadense

ALMADA, 1 — Prosseguiram, hoje, as comemorações do 61.º aniversário da Academia Almadense, a decorrer com tanto brilho, tendo o programa constado da saída da banda, em homenagem aos respectivos associados e à população da vila, em geral; uma sessão de cinema para crianças; e um cortejo ciclo-automobilístico ao Seixal que apresentou especiais saudações à Sociedade Timbre Seixalense, em festa, também, devido ao seu aniversário.

À noite efectua-se um baile, que promete decorrer muito animado e que será abrilhantado pelo conjunto musical «Os Rivalistas».

O 62.º aniversário dos Bombeiros de Leiria

LEIRIA, 1 — Os Bombeiros Municipais, desta cidade, comemoraram, hoje, o seu 62.º aniversário com um programa que se iniciou, às 7.30, pela formatura geral da corporação, seguindo-se a cerimónia do içar da bandeira, acto que se revestiu de grande solenidade, olhando-se os «soldados da paz» em impecável posição de sentido enquanto o pavilhão subia, lentamente, na adriça.

Realizou-se, mais tarde, cerca das 9 horas, uma romagem, muito concorrida, ao cemitério, sendo depostas muitas flores sobre as campas dos bombeiros falecidos.

Voluntários de Colares

COLARES, 1 — Na Associação dos Voluntários de Colares, perante numerosa e interessada assistência, prestaram, hoje as suas provas, constituídas por demonstrações técnicas e difíceis exercícios físicos, os novos aspirantes a bombeiros de 3.ª classe.

A nova praça de toiros de Montijo

MONTIJO, 1. — (Pelo telefone). — A boa nova de tudo estar realizado para a próxima construção da nova praça de toiros foi motivo, ontem à noite, de animada queima de foguetes e morteiros que se repetiu durante o dia de hoje. No sítio do mercado, onde talvez já no mês de Junho se verá erguida a nova praça, compareceram esta manhã numerosas pessoas — rapazes, raparigas, homens e mulheres que começaram a limpar o recinto para o lançamento da primeira pedra. Por outro lado, festejou-se o «Dia do Cimento» e de todos os lados se receberam materiais destinados ao grande melhoramento local, cujo risco é do arquitecto Amadeu dos Santos Junior com execução do técnico e aficionado Alves Ribeiro.

Dois feridos

num desastre de motocicleta

No Hospital de S. José deram entrada, José Garcia Rufino, de 29 anos, marinheiro e Luís Simões Milheiro Alves, de 22, empregado no comércio, residentes no Beco do Rosendo, 9, rés-do-chão, que caíram da motocicleta em que seguiam, devido a derrapagem, ao passar no Saldanha.

O primeiro, o condutor do veículo, devido ao seu estado inspirar cuidados ficou internado na sala de Observações. O segundo, depois de tratado seguiu para casa.

O 108.º aniversário

da Sociedade Democrática Timbre Seixalense

A Sociedade Democrática Timbre Seixalense, prestimosa colectividade com altos serviços prestados á causa da educação popular, comemorou hoje, o seu 108.º aniversário, e o 45.º da sua restauração, tendo-se realizado, na respectiva sede, uma sessão solene que registou larga concorrência e decorreu com o maior brilho, durante a qual usaram da palavra vários oradores que destacaram a importancia da obra realizada, através da sua existência, nem sempre fácil, pela sociedade.

CASAMENTO
Lanches a 45$00 por pessoa, incluindo vinhos branco, tinto, cup, Porto e espumante
SALÃO PRÓPRIO, SEM AUMENTO DE PREÇO
Jantares e almoços à Americana a 15$00
PASTELARIA S. JOÃO, LDA. — Av. de Paris, n.º 3-A — Telef. 725600

IMPÉRIO
TELEFONES: 55134-5
2.ª SEMANA
A's 18.15 e 21.30
A maravilhosa obra do cinema de alta qualidade e valor moral
O DESPERTAR
com GREGORE PECK e JANE WYMAN
Está superiormente autorizada a assistência de crianças com mais de 6 anos a todas as sessões de hoje

MARIA VITÓRIA
HOJE
A's 20.30 e 22.45
O grandioso êxito
O novo espectáculo de gargalhada
ELE AÍ ESTÁ!
com HERMINIA, ALVARO PEREIRA, TERESA GOMES, SPINA
(PARA ADULTOS)
AOS DOMINGOS — «Matinées» às 16 horas

SÃO LUIZ • ALVALADE
Telefone 27172 — A's 15.15, 18.15 e 21.30
Telefone 763080 — A's 15.15 e 21.30
Tarde: 6 anos — Noite: 13 anos
A PLANICIE IMENSA
O MARAVILHOSO FILME DE WALT DISNEY
No programa: O SIÃO

TIVOLI
2.ª sesemana
A's 3 e 6.30 da tarde (a pr. red.) e 9.30 da noite
Um filme Cinemascope
com CLARK GABLE e SUSAN HAYWARD
na maravilhosa película de amor e aventuras
O aventureiro de Hong Kong
(Para adultos)

SÃO JORGE
Telefones
Balcão 54151
Plateia 54153
A's 15.15, 18.15 e 21.30
A deliciosa comédia
Uma garota a bordo
DIRK BOGARDE, BRIGITTE BARDOT, BRENDA DE BANZIE e JAMES ROBERTSON JUSTICE
— Adultos —

CINEMA CONDES
TELEFONE 2 2528
A's 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme de capa e espada
As duas órfãs
com MYRIAN BRU, MILLY VITALE e NADIA GRAY
— 13 anos —

CINEMA Palácio
Telef. 47163
A's 15.30 e 21.30
(Para 13 anos)
Um filme espectacular e emocionante
INVASORES
com GLENN FORD e JULIA ADAMS

ESCOLA DE CONDUÇÃO ANTONIO DA ESCOLA
Ensino de: ligeiros, pesados e motos, amador e profissional — Competência e honestidade — Rua António Maria Baptista, 24—Telefones: 8 42529 8 45622 — LISBOA.

PÁGINA DOS ESPECTÁCULOS

DA NOSSA CADEIRA...

No Teatro Nacional: «Santa Joana»

Subiu ontem à cena no Teatro Nacional a obra de G. Bernard Shaw, «Santa Joana», numa tradução bastante apreciável de Gonçalo Gomes. Trata-se de uma espécie de crónica em seis cenas e um epílogo através da qual Bernard Shaw desenrola diante do espectador a vida de Joana d'Arc, desde a sua entrada no castelo do senhor de Beaudricourt a quem se permite a audácia de pedir um cavalo e uma escolta para salvar a França prestes a sucumbir sob a invasão inglesa até à sua condenação à fogueira como feiticeira e herética — o que, aliás, não impediu de ser beatificada quatrocentos e setenta e oito anos depois. Poderá parecer estranho a muitas pessoas que Shaw tivesse escolhido para protagonista de uma obra sua uma heroína inimiga dos ingleses. Primeiro, o «caso» de Joana d'Arc constitui, de facto, um tema aliciante para um homem de teatro; depois Bernard Shaw não era pròpriamente inglês: era irlandês. Coisa curiosa: antes da peça subir à cena pela primeira vez — já lá vão trinta e três anos — correu, sobretudo em França, que o seu autor se propunha, com a sua característica ironia, comprometer a memória de Joana. Verificou-se que estava longe de ser assim. Joana d'Arc não sairá «explicada» da obra de Bernard Shaw, — mas não sai diminuída. Há mesmo quem diga (embora nos pareça bastante excessivo) que nunca se fez evocação mais piedosa da célebre donzela de Domremy, nem nunca os franceses foram tratados, em inglês, com mais ternura.

Mariana Rey Monteiro, Carlos Walenstein e Paiva Raposo numa cena de «Santa Joana»

*

Bernard Shaw teve o cuidado de não classificar a «sua Santa Joana» de peça histórica. Com efeito, a expressão «peça histórica» envolvia um rigor que esta obra não tem, não só em muitos aspectos da sequência da acção, mas nas próprias réplicas das figuras, — que falam, senão todas, muitas delas, como Bernard Shaw. Preferiu chamar-lhe «crónica», o que lhe permitiu uma maior liberdade, não só na apresentação e interpretação dos vários personagens, mas na forma ao mesmo

(Continua na 5.ª página)

O «Conde de Luxemburgo», pela companhia Sagi-Vela no Teatro Monumental

O velho «Conde de Luxemburgo» com a sua deliciosa e imperecível partitura do sempre querido Franz Lehar, apareceu de novo entre nós, onde a opereta morreu há muitos anos, trazida pela companhia de Luis Sagi-Vela, já nosso conhecido, de Espanha e também de Portugal, onde vem agora pela terceira vez.

A anedota é conhecida, como é a musica, pelo que não há pròpriamente crítica á peça que fez as delícias dos nossos pais. A opinião a manifestar é, pois, sobre o conjunto artístico que Sagi-Vela nos trouxe e sem nos mostrármos demasiadamente complacentes nem demasiadamente exigentes, diremos que tal conjunto se apresenta homogéneo e com acentuado equilíbrio, oferecendo-nos um espectáculo limpo que se pode ver sem que nos sintamos constrangidos.

Esteve o desempenho das primeiras figuras a cargo de Sagi-ela, Josefina Canales, Luisa de Córdoba, Juan Pascual e Manuel Cebral.

Sagi-Vela que canta muito bem e que alia a esta qualidade a de ser um bom actor — o que nem sempre é frequente — defendeu galhardamente a partitura com a sua longa experiência e boa escola de cantor.

Josefina Canales, apresentada como primeira figura, é uma rapariga gentilíssima, bonita, muito jovem e de excelente presença, com um fio de voz agradável e plena de irradiante simpatia. Acusa ainda os verdores de uma escola que há de atingir uma plenitude possivelmente brilhante e pareceu-nos um pouco nervosa, principalmente no primeiro acto em que se notou uma ou outra estridência que o «calo» do palco acabará por anular.

Juan Pascual foi gracioso e ridículo, como manda a rubrica e Manuel Cebral compôs uma figura de pintor agradável e que não destoa.

Completam o conjunto um grupo de raparigas muito atentas á homogeneidade dos coros e os artistas Maria Fuster, Marcelino Marno, Angel Cobos, Carlos Ruiz, José Yesares e Luisa de Córdoba. Esta guardámo-la de propósito para o fim e se é certo que os ultimos são os primeiros, Luisa de Córdoba não desmente o preceito bíblico...

Ela é, com efeito, uma actriz de belo estofo, perfeitamente á vontade em cena, de um raro sentido de comunicação com a platéia, além de possuir uma voz cheia, quente e admirávelmente modulada. Como actriz bastou vê-la como «ouviu» a ária do primeiro acto cantada por Sagi-Vela. Um pequeno pormenor, é certo, mas que bastou para nos revelar a comediante. Esta opinião sugerida logo no começo da opereta foi plenamente confirmada no decorrer da representação. Na zarzuela deve estar como peixe na água.

É digna a montagem da peça. A batuta, muito segura e disciplinada nas mãos do maestro Ricardo Estevarena.

Síntese: espectáculo agradável, higiénico que a lindíssima partitura de Franz Lehar muito valoriza.

A Sagi-Vela poderemos dizer: «Vay a por Usted»!

E á empresa:

— Enhora bpena!

A. I.

Ecos do palco

E' provável que a estreia da comédia *Daqui fala o morto*, que a companhia do Teatro Monumental, na terça-feira, recomeça a ensaiar tenha a sua estreia no Porto, onde se encontra a actuar no Teatro-Cine Aguia de Ouro.

— Pedro Lemos que é o autor da peça *Clara bonita*, e que esta época deverá ser estreada no Teatro Nacional, deve também ser o seu ensaiador.

— E' possível que a revista *Abril em Portugal*, se conserve por mais alguns dias no cartaz do Variedades.

— A montagem cénica do novo original de Armando Vieira Pinto, *A esquina da morte*, fez atrasar a sua estreia, que só se fará, no Teatro Avenida, em meados da próxima semana.

— A carreira da farsa *Ele aí está*, em cena no Teatro Maria Vitória, continua com êxito e só depois da estreia da fantasia *Fonte luminosa*, no Coliseu, será concretizada a ideia de ensaiar uma nova revista.

— O Teatro da Campanha Nacional de Educação para Adultos continua a ensaiar o repertório que, a partir de Maio, vai apresentar na Província.

— O repertório que a companhia do Teatro A B C, representará na sua digressão ao Porto é constituído pelas revistas *Haja Saúde*, *Muitas... e boas* e *Chitas de Portugal*.

— Temporàriamente foi retirada de ensaios no Teatro Variedades, a revista, ainda sem título, que naquele teatro será estreada oportunamente.

ADEGA de FILIPE
ALFAMA
Filipe Pinto apresenta todas as noites um elenco de NOVOS NO FADO.
Ambiente seleccionado
Cozinha regional portuguesa
Se vai a Alfama, não deixe de visitar esta Adega, no recanto mais típico da nossa Lisboa.
Servem-se Almoços, Jantares e Ceias

CINEMA Monumental
Telef. 55131
A's 18.15
O sensacional filme
No Mar das Caraíbas
(Crianças)
A's 21.30
Vinte mil léguas submarinas
(Maiores 13 anos)

EDEN
TELEF. 20768
A's 15.30 18.30 e 21.30
2.ª Semana
do filme falado em português
Restos dum continente perdido
Cinemascope-Tecnicolor
— Para 13 anos —

Politeama
Telef. 26305
A's 15.15 — 18.15 — 21.30
2.ª Semana de enchentes!
O sensacional e corajoso filme em cinemascope
A mão esquerda de Deus
com HUMPHREY BOGART e GENE TIERNEY
Colorido De Luxo
(13 anos)

ROYAL
Telef. 845037
Maiores 13 anos
Hoje, às 21 horas
A SUPER-FARSA DE CONSTANTE GARGALHADA
Tótó no Manicómio
em ferraniacolor, com FRANCA MARZI
EM COMPL.: Fernandel em
DON CAMILO

Odeon
Telef. 20283
A's 15.15, 18.15 e 21.30 — (13 anos)
Formidável êxito de gargalhada com super-farsa
Tótó no Manicómio
com FRANCA MARZI (ferraniacolor)

Transportes António da Escola
Para todo o país e estrangeiro
Camions próprios, de pequena e grande tonelagem. Competência e seriedade, Rua António Maria Baptista, 24. Telefs. 842529-845622. De noite: Telef. 844725.

VINHO MONTANHEZ. TÃO PURO COMO O AR DA MONTANHA
AGENTES em Lisboa: ARTUR PAIVA, LDA. — Avenida de Paris, 22-B — Telefone 778174
Porto e Província: COSTA PINA & VILAVERDE, LDA. — Telefone 26562 — Porto

Educação e Recreio no Porto

Uma entrevista com o presidente da Associação Recreativa e Cultural dos Empregados do Comércio do Porto

Sempre nos mereceram especial simpatia e o maior carinho as colectividades populares, fundadas espontaneamente pelo Povo, e que bem podem ser consideradas, pelo seu carácter educativo, apreciáveis redutos das tradições democráticas do nosso País, merecendo ser amparadas, a bem da cultura e recreio das classes populares que, devido ao baixo nível económico de vida, não podem frequentar outros meios superiores.

Entre as actividades recreativas portuenses muito se tem destacado a acção educativa do Grupo Dramático dos Empregados do Comércio, agora denominado: Associação Recreativa e Cultural dos Empregados do Comércio do Porto. E por isso, oportuno nos pareceu ouvir o presidente da sua direcção, o sr. Manuel Inácio Luís.

Velho amigo da «República», o nosso entrevistado recebeu-nos, amàvelmente, na secretaria da Associação, e logo começou por nos esclarecer que esta é a continuadora do Grupo Dramático da União dos Empregados do Comércio do Porto, fundado em 23 de Maio de 1925, na Rua da Torrinha, 54-2.º, onde a velha Associação de Classe dos Empregados do Comércio, tinha a sua sede.

— Visto isso, era uma simples secção do antigo sindicato?

— Não era bem assim. Tinha já o seu estatuto e corpos gerentes, quotização, etc.; mas como para ser sócio do grupo era indispensável ser sócio da União, aquela vivia à sombra do alvará, sem mesmo ter feito aprovar, oficialmente o seu estatuto.

— Mas já não existe a União dos Empregados do Comércio?

— É claro que não. Em virtude da lei que criou os sindicatos nacionais, a União, que era a Associação de classe, compreendendo todas as especialidades profissionais, foi encerrada e os seus bens, incluindo uma biblioteca, vendidos em hasta pública.

— Mas não foi, então, dissolvido o grupo?

— Não. Como já lhe disse, era colectividade independente. Pretendemos, nessa altura, fazer aprovar oficialmente o seu estatuto, depois de termos alugado uma nova sede, mas não conseguimos o que desejávamos por a lei se opor à existência de quaisquer agrupamentos com denominações que pudessem estabelecer confusão com os sindicatos nacionais. Em face disto, mudámos o título para Ateneu Artístico Portuense.

— E porque escolheram este nome?

— Ateneu é um nome com tradições na nossa classe. Desejaríamos até chamar-lhe Ateneu Comercial; mas já existia uma colectividade com esse título, também fundada por empregados do Comércio.

— Mas quanto à mudança para o nome actual?

— Lá vamos. Em virtude dos sindicatos nacionais de empregados do comércio, terem sido obrigados, em certa altura, a mudarem o rótulo para S. N. de Caixeiros, entendemos que o Ateneu Artístico, podia regressar ao seu antigo título, dando assim satisfação aos fundadores que se tinham afastado, por não concordarem, não saberem ou não compreenderem, a razão da mudança. Desta sorte, em 1941, volvidos 6 anos, adoptámos a denominação de Grupo Dramático dos Empregados do Comércio. Desapareceu a palavra «União», por motivos que se compreendem/

— Qual a orientação da nova colectividade e a obra que se propõe realizar?

— A nossa divisa foi e ainda é: «Instrução e Solidariedade». Ora a arte de representar foi sempre um veículo de cultura; e a receita dos espectáculos, quando não seja necessária à manutenção da colectividade, destina-se sempre a fins de solidariedade. Assim, realizámos espectáculos no extinto Teatro Gil Vicente, do Palácio de Cristal, teatro de S. João, etc., a favor da construção do Sanatório dos Empregados de Comércio de Portugal. Como este não chegou a construir-se, foram entregues perto de dez contos ao Lar do Comércio. Um ou outro espectáculo foram dados a favor de colegas doentes ou desempregados, e ainda ultimamente o produto de uma nossa festa, cerca de 1.500$00, foi entregue ao sr. Governador Civil, para aumentar o fundo de auxílio aos cegos.

— E porque mudaram da Rua do Bulhão para a Rua de St. Ildefonso, onde nos encontramos?

— O progresso citadino, meu amigo. Todo o lado nascente da Rua do Bulhão, onde tínhamos a sede foi demolido para edificação de novos e mais modernos edifícios. Vaga esta casa, onde durante muitos anos teve a sua sede o Orfeão do Porto, aqui nos instalámos.

— E têm apenas actuado no teatro?

— Não. Temos no nosso activo importantes excursões e visitas de estudo, á Casa de Camilo, de S. Miguel de Seide, por exemplo, a Penafiel, Póvoa do Varzim, Aveiro, Guimarães, Buçaco, onde sempre fomos visitar os museus, monumentos e tudo que pudesse contribuir para a cultura dos visitantes. Também pelas nossas sedes têm passado, como congressistas, médicos, professores, engenheiros, e quantos temos podido interessar na nossa obra.

— E planos para o futuro?

— O plano de amanhã, o de hoje e o de ontem: «Instrução e Solidariedade». Se mais não fazemos é porque as licenças, vistos, direitos de autor, etc., mesmo para as festas de beneficência ou de entrada gratuita, são quase inibitórios.

— Para concluir, diga-nos quais são os seus mais directos colaboradores.

— Actualmente são: Leonel Gonçalves Soares, Mário de Almeida, Luís Teixeira Pinto e Carlos Moreira, respectivamente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e vogal da direcção, aliás, com a ajuda de todos os membros da assembleia geral e conselho fiscal.

Fazendo votos pelas prosperidades da Associação Recreativa e Cultural dos Empregados do Comércio do Porto e pela remoção dos encargos que oneram as modestas colectividades populares, despedimo-nos, dando por finda esta entrevista.

"Infância e Juventude"

Acaba de ser distribuido o n.º 5 da revista «Infância e Juventude», órgão da Federação Nacional das Instituições de Protecção à Infância, respeitante ao primeiro trimestre do corrente ano.

Apresenta-se bem redigido e com excelente aspecto gráfico, inserindo artigos, reportagens e notiçia rio, de carácter nacional e internacional, que interessam à educação e assistência da juventude.

«Jornal do Foro»

Saíu o número 111 da revista trimestral de Direito e estudos sociais «Jornal do Foro», que publica estudos da sua especialidade subscritos por Waldemar Ferreira, prof. dr. Barbosa de Magalhães, Hugo de L. Castelo Branco, M. de Lima Alves, Tito Arantes e L. F. Rebelo. «Jornal do Foro» insere também notas e comentários sobre legislação estrangeira.

O LAR DOS CLIENTES

Pela passagem do seu 3.º Aniversário agradece aos seus estimados clientes e amigos a forma gentil como o distinguiram

A Casa onde V. Ex.ª encontra o mais variado sortido próprio para Brindes

A GERÊNCIA — PRAÇA DE LONDRES, 5-D

AGENDA da República

CALENDÁRIO

1 de Abril

A vida de um rapaz pobre

Em 1865 representou-se, pela primeira vez no Teatro D. Maria, «A vida de um rapaz pobre», considerada a melhor obra dramática de Octave Feuillet

1870 — O régulo Maputo faz doação a Portugal da Ilha Nunoca.

RADIO

Programa de amanhã da Emissora Nacional

PROGRAMA «A» — 7. 30: Abertura — Hino Nacional; 7.35: Canção da manhã; 7.40 Artistas portugueses e italianos; 8: Música dos mestres; 8.20: Canções e romance; 8.30: Noticiário — O desporto em Portugal e no Mundo; 8.45: Programa do E. R. N.; 9: Melodias que não esquecem; 9.15: Modas, novidades e conselhos; 9.30: Imagens da vida parisiense; 9.50: Bom dia; 10: Interrupção. 12: Reabertura — Fantasia musical; 12.30: Crítica desportiva; 12.40: Fados; 13: Noticiário; 13.15: Música de salão; 13.30: Rosa dos Ventos; 13.50: Conjuntos instrumentais; 14: Opera «D. João»; 14.30: Variações; 14.55: Boletim meteorológico; 15: Interrupção. 16: Reabertura — Música de salão; 16.15: Transmissão do desafio de hoquei em patins «Portugal-Jugoslávia»;17: Programa eventual; 18: Noticiário e Danças; 18.45: Conjuntos vocais; 19: Desdobramento — O pianista Carmen Cavallaro; 19.10: Música ligeira espanhola; 19.30: Alegria no trabalho; 20: Jornal sonoro; 20.15: Orquestras ligeiras; 20.30: Que quer ouvir?; 21: Junção dos emissores — Noticiário; 21.15: Desdobramento — Solos de instrumentos; 21.30: 8.º episódio de «O Moinho à Beira do Rio»; 21.50: Transmissão do desafio de hoquei em patins «Portugal-Itália»; 22.30: Canconetas; 22.45: As grandes figuras da Humanidade; 23.15: Danças; 23.45: Junção dos emissores — Noticiário; 24: Hino Nacional — Encerramento.

PROGRAMA «B» — 19: Reabertura — Sinfonia n.º 10; 19.50: Noticiário regional; 20: Recital de piano; 20.30: Trechos de óperas; 21: Junção dos emissores; 21.15: Música sinfónica; 21.50: Antologia Mozarteana; 22.30: Crónica semanal; 22.40: Quartetos de Beethoven; 23.40: Sonho de amor, de Liszt; 23.45: Junção dos emissores.

ESPECTACULOS

TEATROS

S. CARLOS — Às 17.15 — «Il Tabarro» e «Cavalleria Rusticana»
NACIONAL — Às 21.30 — «Santa Joana»
VARIEDADES — Às 20.30 e 22.45 — «Abril em Portugal»
MARIA VITORIA — Às 20.30 e 22.45 — «Ele aí está!»
TRINDADE — Às 21.45 — «Já aqui estive»
ABC — Às 20.30 e 22.45 — «Muitas e boas»
MONUMENTAL — Às 20.30 e 22.45 — «O conde de Luxemburgo»

CINEMAS

MONUMENTAL — «20.000 léguas submarinas»
IMPÉRIO — «Despertar»
ALVALADE — «A planície imensa»
EDEN — «Restos dum continente perdido»
S. LUIZ — «A planície imensa»
S. JORGE — «Uma garota a bordo»
TIVOLI — «O aventureiro de Hong-Kong»
POLITEAMA — «A mão esquerda de Deus»
ODEON — «Tótó no Manicómio»
ROYAL — «Tótó no Manicómio»
PALÁCIO — «Invasores»
CONDES — «As duas órfãs»
CAPITÓLIO — «Bengazi»
OLIMPIA — «Gorila à solta»
PARIS — «Melodia interrompida»
JARDIM — «Verdi»
LIS — «A dama e o vagabundo»
REX — «Cavalheiro vagabundo»
TERRASSE — «Mambo»
IMPERIAL — «Um americano em Paris»
IDEAL — «Romeu e Julieta»
RESTELO — «Dançando nas nuvens»
MAX — «Cavalheiro vagabundo»
PALATINO — «A fonte dos amores»
PROMOTORA — «Horizontes desconhecidos»
BELGICA — «A rainha da montanha»
CAMPOLIDE — «Os filhos dos 3 mosqueteiros»
VOZ DO OPERÁRIO — «O regresso de D. Camilo»
OEIRAS CINE — «Veneno de cobra»

O TEMPO

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — No continente, o céu está nublado e o vento é fraco de direcção variavel ou há calma, por acção conjunta de uma depressão complexa, com um núcleo centrado na região de Coimbra.

TEMPERATURAS — Porto, 13º; Lisboa, 12º; Faro, 14º; Funchal, 16º.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu de nebulosidade geralmente forte, vento bonançoso de direcção variável, possibilidade de períodos de chuva nas regiões montanhosas. Temperatura sem alteração sensível.

MARES — Amanhã: preamar, às 8.55 e 21.20; baixamar, às 1.55 e 14.18.

FARMACIAS

SERVIÇO NOCTURNO

União — Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 780092
Aguiar — Estrada de Benfica, 197-199, Tel. 780043
Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181
Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480
Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C, Tel. 776358
Avis — Avenida de Roma, 56-B/C, Tel. 776070
Alcântara — Avenida da República, 74-A, Tel. 771378
João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462
Cosmos — Avenida João Crisóstomo, 44-C, Tel. 40592
Oliveira Viegas — Rua Viriato, 27-27/A, frente ao «Avis Hotel», Tel. 48965
Mundial — Largo D. Estefânia, 9, Tel. 45578
Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 399210
Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 399232
Pinto — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 391185
Nacional — Rua S. João da Praça, 26, Tel. 28032
Rosa & Viegas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 849351
Europa — Avenida General Roçadas, 25-A, Tel. 843880
Eusa — Rua Barão de Sabrosa, 104, Tel. 841912
Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756
Higiénica — Rua Heliodoro Salgado, 29, Tel. 844361
Matos — Rua Alvaro Coutinho, 10, Tel. 40471
Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101/A, Tel. 48333
Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 53694
Central de Campolide — Rua General Taborda, 17, Tel. 40304
Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 26, Tel. 662857
Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246
S. Jerónimo — Rua dos Jerónimos, 8-C, Tel. 638916
Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249
Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel. 368291
Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460
S. Marçal — Rua de S. Marçal, 100, Tel. 25318
Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A, Poço Novo, Tel. 27896
Veritas — Rua da Misericórdia, 133, Tel. 2455
Nacional — Rua do Saltre, 7, Tel. 46858
Silmar — Rua de S. Lázaro, 128, Tel. 42829
Costa — Praça da Figueira, 6-B/C, Tel. 28381
Barral — Rua Áurea, 126, Tel. 31531 — A —

SCHAUB

Modelo LIBELLE 56

O NOVO É EXTRAORDINÁRIO PEQUENO MODELO QUE REPRODUZ OS GRAVES

AC/DC — 3 ONDAS

PREÇO POPULARÍSSIMO

*

Com SCHAUB não se ouve TELEFONIA

Ouve-se PURA MELODIA

CAMINHOS DE FERRO

Carruagem directa mista de 1.ª e 3.ª classes entre LISBOA e CORUNHA

Desde 1 de Abril, cessou a circulação da carruagem directa PORTO-CORUNHA. Em seu lugar é estabelecida a circulação de uma carruagem directa LISBOA-CORUNHA, a efectuar apenas durante o período da hora de Verão e com o seguinte horário:

Ida		Volta
8-37	Lisboa-Santa Apolónia	23-35
13-30	C — Campanhã	18-32
13-56		18-14
16-28	Valença	14-41
16-40		14-10
18-05		12-45
19-15	Vigo	12-15
23-30	Corunha	8-00

Esta carruagem destina-se aos passageiros de serviço internacional, sendo as formalidades de polícia e alfandega, efectuadas em transito.

Pode, no entanto, ser utilizada por passageiros de serviço nacional, desde que haja lugares disponíveis:

No sentido Lisboa-Corunha — em 1.ª classe, pelos passageiros destinados ás estações de paragem situadas além de Campanhã até Caminha.

No sentido Corunha-Lisboa — em 1.ª e 3.ª classes, pelos passageiros procedentes das estações desde Caminha e destinados ás estações de paragem situadas desde Pampilhosa até Lisboa (Santa Apolónia).

O publico pode consultar os Avisos afixados nas estações e obter esclarecimentos nas Secções de Informações da C. P.

PÁGINA DOS ESPECTÁCULOS

«Santa Joana»

(Continuado da 3.ª página)

tempo erudita, observadora, arguta e maliciosa por que elas se exprimem. Aos cronistas concede-se um poder imaginativo defeso aos historiadores, não obstante os primeiros historiadores serem os cronistas: talvez, por isso mesmo, tantos factos e tantas figuras da História foram deturpados. Sem dúvida, a «Santa Joana» de Bernard Shaw reveste-se de incontestável interesse, embora mais por aquilo que se ouve do que por aquilo que se vê (a peça é, na verdade, mais estática do que dinâmica); mas esse interesse seria, entretanto, bem mais expressivo se a peça se não alongasse tanto, insistindo em motivos e em dialética que acabam por cansar a grande maioria do público. A certa altura, tem-se a impressão de que Bernard Shaw, entretido a conversar com ele próprio, se esqueceu de que havia pessoas a escutá-lo. Tudo tem que ter uma medida — até o talento. O espectáculo, veja-se, começou às nove e meia em ponto: terminou faltavam dez minutos para as duas, tendo havido apenas dois curtos intervalos. Quatro horas e vinte! É demais, não apenas para a atenção e curiosidade dos espectadores, mas para as possibilidades dos próprios intérpretes.

*

Da figura principal — Joana — se encarregou Mariana Rey Monteiro e devemos dizê-lo que as suas qualidades de artista, postas à prova num papel longo e complexo, se manifestaram eloquentemente. Daqui a felicitamos. À sua volta, por ordem de entrada em cena, Paiva Raposo, António Palma, José de Castro, Erico Braga, António Sacramento, Carlos Avilez, Varela Silva, Carlos Wallenstein, Francisco Ribeiro, Laura Fernandes, Rogério Paulo, Liege de Carvalho, Luís Filipe, Pedro Lemos, João Perry, Manuel Correia, Fernando Soares, Maria Corte Real, Helena Félix e Meniche Lopes. De uma maneira geral, a representação situou-se em bom nível, embora nos seja consentido destacar Paiva Raposo, Palma, José de Castro, Erico Braga, Sacramento, Carlos Wallenstein, Francisco Ribeiro, Rogério Paulo, Luís Filipe, Pedro Lemos, Manuel Correia e Fernando Soares.

*

Um dos méritos desta peça — porque não dizê-lo? — reside na circunstância de dar ensejo a uma variada, movimentada e colorida encenação. A encenação dada à peça no Nacional — uma encenação de Francisco Ribeiro numa realização plástica de José Barbosa — pode apontar-se como uma excelente realização artística. Cenários, figurinos, luzes, variações, tudo se orientou no sentido de criar um bom espectáculo. À excepção do guarda-roupa que os eruditos nem sempre terão achado rigoroso, — o espectáculo marca, com efeito, pelo seu bom gosto e pela excelência da sua realização. Amélia Rey Colaço, Robles, Francisco Ribeiro e José Barbosa não se pouparam fadigas. O seu louvável esforço merece registar-se.

Sala cheia. Atmosfera de apreço. Entretanto, repetimos, a demasiada e, quanto a nós, inútil extensão que o autor deu à peça, é de molde a comprometê-la. Ou talvez Santa Joana a liberte deste percalço! Ela até libertou a França!

L. O. G.

Da nossa cadeira...

Odeon e Royal — «Tótó no Manicómio»

Intitula-se, sugestivamente, «Tótó no manicómio», a película que se estreou, ontem, nos cinemas Odéon e Royal, diga-se de pasagem — com o maior agrado do público—a avaliar pelas continuas explosões de riso que acompanharam a sua exibição. Na verdade, não se pode pedir mais a uma farsa nem a um artista. Quanto a nós, de resto, não existe nenhum, na actualidade, que consiga superar a riquissima personaliadde do grande actor. O seu poder é de tal ordem, que só de recordar algumas das suas expressões naquela pseudo-clínica, uma pessoa não pode deixar de sorrir...

«Tótó no manicómio», em ferraniacolor, o que contribui para a sua valorização pode considerar-se uma das melhores películas do género, produzidas nos últimos tempos, desenvolvendo-se a acção em redor de um tio (Tótó) que vai visitar certo sobrinho que ele imagina ter ajudado a formar-se em medicina. Afinal, trata-se de um pandego de estalo, que não é médico e convence o bondoso parente de que a pensão onde vive é a sua clínica de alienados. O que depois acontece não tem descrição possível provocando autênticos caudais de riso...

Nos principais papeis, além do grande cómico italiano, Franca Morzi, Carlo Ninchi, Aldo Giuseffre e Maria Pio Casilio.

Bons complementos. — X.

Palácio — «Família de Malucos»

Uma comédia simples, de tipo ligeiro, que se caracteriza pelo burlesco das cenas, por vezes um tanto sentimentais. Trata-se da vida de uma família modesta, onde além do casal há 15 filhos, cada um com o seu temperamento especial. E' desta prole numerosa e das questões levantadas entre os dois esposos, que nasce o enredo do filme, sem dúvida nenhuma agradável, e cheio de interesse, para o público que ontem encheu o Palácio.

A acção complica-se, porém, quando o chefe da família é premiado num concurso de publicidade. Tendo mais dinheiro, o casal muda de aposentos. E os hábitos da família modificam-se. O enredo enche-se, então, de cenas imprevistas predispondo constantemente para o bom humor.

Realizado por Charles Lamont, tem por intérpretes principais Marjorie Main e Percy Kilbride. Intervém igualmente um grupo de rapazes e raparigas de bom temperamento, que dão, ao filme, colorido e vida.

Nos complementos, alguns bons desenhos animados a cores.—*M.*

NOTICIAS

«Uma garota a bordo», no S. Jorge

Raramente uma estreia tem suscitado tantos motivos de interesse e agrado como a que se verificou no São Jorge. O público acorreu em massa, esgotando ràpidamente a vasta e elegante sala da Avenida, talvez por pressentir que se tratava, na verdade, de um espectáculo agradável, de sã e boa alegria. O filme, rodado em Vistavision e Tecnicolor, além de trazer consigo a garantia de uma grande marca, era a sequência felicíssima de um exito consagrado — Diga 33 — «Uma garota a bordo» não iludiu a expectativa. O público riu como raras vezes acontece. Divirtiu-se e saiu bem disposto. Além de ver um filme que dispõe bem, fora-lhe dado rever o notável artista Gerald Shaw, que, através de um programa excelentemente elaborado, tanto na parte musical, como no texto, evocou o tempo feliz que passara entre nós. Agora ao regressar, era como se regressasse à sua casa. E em cada trecho, na «Marcha dos Centenários», no «Grão de Arroz», no «Abril em Portugal», Gerald Shaw descreve-nos a saudade que sentiu durante o tempo que esteve longe desta Lisboa bonita...

«O Despertar», no Império

Para a quadra festiva que atravessamos, não se podia arranjar melhor programa, que permitisse a assistência de pessoas de todas as idades, do que a bela super-produção da M. G. M. — *O Despertar.*

Depois de uma primeira semana de verdadeiro êxito, em que milhares de espectadores passaram pela sala do maior cinema lisboeta, para admirarem, maravilhados, uma das mais enternecedoras histórias que o cinema nos tem contado entrou, triunfalmente, em segunda semana de exibição, a famosa obra de Clarence Brown.

O Despertar, agora em metroscope e magnífico tecnicolor, com som prospecta, é um grandioso espectáculo, que aconselhamos, pelos seus predicados morais e conforto espiritual.

República de NORTE a SUL

Tomar

MARÇO, 23

FESTAS DOS TABULEIROS — Nas últimas reuniões que se realizaram no salão dos Paços do Concelho, ficou definitivamente assente que estes tradicionais festejos se efectuem, nesta cidade, nos dias 13, 14, 15 e 16 de Julho próximo. As várias comissões nomeadas para tal efeito, entraram já no estudo do programa que há-de ser apresentado à Comissão Central, a fim de ser aprovado e tornado público.

No próximo Domingo de Páscoa sairão «As coroas», acompanhadas por todos os festeiros e pelas bandas Nabantina e Gualdim Pais, que percorrerão todas as ruas de Tomar, anunciando ao povo a realização das «Festas da cidade», contando, por isso, com sua franca colaboração, pois só assim será possível que o número deslumbrante das populares festas, o Cortejo dos Tabuleiros, tenha, pelo menos, o mesmo brilhantismo dos que até agora se têm realizado.

CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS — Começaram no dia 19, e estão em decurso, nesta cidade e em todo o concelho, os exames para adultos. Foram propostos ao respectivo exame, na presente época e no concelho de Tomar, 208 adultos, sendo 152 do Ensino Primário Elementar e 56 do 2.º grau. Regista-se que, na nossa região, o número de adultos analfabetos tem diminuído bastante, graças à boa vontade dos agentes do ensino que afanosamente têm contribuído para que se termine com a triste e prejudicial ignorância das classes populares.

TENENTE-CORONEL FAUSTO BRITO E ABREU — Deste ilustre oficial, que há pouco, conforme noticiamos, assumiu o comando do Regimento de Infantaria 15, recebemos uma carta de amistosas saudações, que muito agradecemos e retribuimos, desejando-lhe as maiores felicidades no desempenho das suas novas funções. — C.

Abrã (Santarém)

MARÇO, 25

ESTRADA EM MAU ESTADO — O estado de conservação das estradas municipais compreendidas na área desta freguesia, continua a merecer a nossa atenção. A estrada que liga à vizinha freguesia do Espinheiro, concelho de Alcanena, cujo movimento é importante, necessita de um arranjo total, desde há longos anos.

A estrada do Vale de Agua, não obstante ter levado ùltimamente algumas reparações, não satisfaz as exigências do trânsito e, por isso, carece de ser melhorada.

O TEMPORAL — Continuam, nesta região, os violentos temporais, que muito têm prejudicado os trabalhos agrícolas desta época.

A classe pobre luta presentemente com uma grande crise, não só por este motivo como também pela carestia de certos géneros alimentícios. — C.

EM TRÊS LINHAS

Em Beja comemorou-se, hoje, com várias cerimónias, o primeiro centenário da Casa Pia daquela cidade.

— Para a India Portuguesa partiu o sr. José de Thereaga, gerente comercial dos P. A. A., que vai estudar problemas relacionados com a melhoria nos serviços de conexão aérea em Carachi.

— No avião da P. A. A. chegaram a Lisboa 1.500 quilos de cobertores destinados aos sinistrados dos terramotos registados no Líbano e que seguiram hoje para Beirute.

— A partir de 22 de Abril quase todas as carreiras aéreas para ou em trânsito por Lisboa modificarão os seus horários.

— Foi aprovada a alteração dos estatutos da Casa do Povo de S. Miguel de Machede, para alargamento da área à freguesia de S. Bento.

— Também foi homologado, oficialmente, o acordo para classificação e fixação de quotas dos sócios contribuintes da Casa do Povo de Colmeias, no distrito de Leiria.

— A partir de hoje, e por motivo da mudança da hora legal, a hora da partida do «Sud-Express», de Santa Apolónia, passa a ser diàriamente, às 12.45 e a chegada, também a Santa Apolónia, às 17.55.

— No dia 17 realizam-se no Pavilhão dos Desportos, respectivamente, às 15 e 15.30 horas, concursos municipais para fornecimento de lâmpadas de incandescência no corrente ano e para fornecimento de mangueira.

— Está publicado o n.º 45 (2.ª série) da «Revista Portuguesa de Panificação», cujo sumário é interessante.

NOTICIAS DO FADO

Jesus Gouveia, Manuel Calixto, Gabino Ferreira, Eulália Duarte e António Paiva, deram a sua adesão ao festival que o Grupo Desportivo «República» efectua, no dia 1 de Maio, pelas 15.30, na Casa de Ferreira do Zêzere, cuja receita se destina ao cofre de beneficência do Grupo.

Viseu

MARÇO, 27

HOMENAGEM A ALMEIDA MOREIRA — Há anos foi aprovada por unanimidade em sessão da Câmara Municipal, erigir um busto na cidade em homenagem à memória do saúdoso e grande bairrista, fundador e primeiro Director do nosso precioso Museu Grão Vasco, sr. capitão Almeida Moreira. O busto encontra-se pronto há muito tempo, mas guardado em qualquer parte, sem que até há data se tenha dado cumprimento àquela deliberação.

E' tempo de pagar a divida de gratidão àquele que tanto soube prestigiar e engrandecer a nossa terra legando, ainda, a sua Biblioteca e Casa Museu à cidade.

Sabemos que os Rotários de Viseu promoveram démarches nesse sentido, tendo-lhe sido prometido, para breve, a satisfação deste desejo da cidade.

Muito nos apraz registar o facto, e maior satisfação quando esta aspiração se tornar uma realidade.

CONFERENCIA — O sr. dr. Fernando Eloy Borges Cardoso, Consultor Juridico dos C. T. T., proferiu uma interessante palestra no Grémio do Comércio do Distrito de Viseu, subordinada ao tema «Organização e decisão de progressos disciplinares».

O palestrante, que produziu um trabalho apreciável, foi muito felicitado e aplaudido.

ESTADO DAS ESTRADAS — Por petição dos habitantes do bairro da Aguieira e atendida pela Câmara Municipal, estão em curso as obras de alargamento e arranjo da estrada que liga o Campo de Viriato àquele bairro.

Para maior facilidade, o sr. Sousa Correia ofereceu parte do terreno e a União Resineira a pedra e seu transporte gratuito para o empedramento.

O que não se compreende é o estrangulamento logo à entrada do Campo de Viriato, em vez de começar ali o seu alargamento. Assim, as camionetas de grande tonelagem continuarão a ter dificuldade de passagem e dois carros ligeiros vindos em sentidos contrários, um deles terá de recuar para o outro passar, se ambos chegaram ao mesmo tempo àquele ponto.

Não nos parece difícil remediar este mal, tanto mais, segundo nos informam, o terreno, à direita, ser pertença da Camara.

Em contra partida chamam a nossa atenção para o estado lamentável em que se encontra a estrada velha de Abravezes. Os socalcos e regos de água em toda a sua extensão tornam-na quási intransitável.

Os moradores da mesma solicitam a boa vontade de quem de direito para um arranjo urgente, pois quem tem os seus afazeres e os seus empregos na cidade chegam sempre encharcados por mais cuidados que empreguem.

Também continuam as queixas contra a estrada do Satão. E então com as chuvadas, mais difícil se tornou o trânsito. Vai para três anos sem solução e sem se olhar para os enormes sacrifícios e prejuízos que causam ao viandante.

BARBEITA E A LUZ ELECTRICA — Barbeita ainda hoje bebe água de fonte de casturdo, mas a sua maior aspiração é ter luz eléctrica.

Povoação a poucos quilómetros de Viseu, há muito que vem reclamando o benefício daquele melhoramento: a instalação da luz eléctrica.

Para custear parte das despesas ofereceu à Câmara, por intermédio da sua Junta de Freguesia, a importância de vinte contos, e garante, para já, a inscrição de 60 consumidores particulares.

E' justa a sua pretenção, pois povoações de menos categoria e densidade populacional estão electrificadas. Há ainda a vantagem do cabo condutor passar a uns 500 metros desta povoação, para a sua aspiração ser satisfeita. — C.

Gouveia

MARÇO, 27

O TEMPORAL — Com grande violência, tem-se feito sentir nesta vila e em toda a região, forte vendaval, com chuvas constantes, trovoadas, granizo, neve e ventos desabridos.

Muitas casas foram inundadas, tendo de intervir os Bombeiros, alguns telhados cederam ao peso do granizo, registando-se alguns prejuízos. Vários muros cederam às enxurradas e algumas árvores foram derrubadas, registando-se grande embonte na ribeira que atravessa esta vila. A serra da Estrela está coberta de neve.

Hoje, apareceu o Sol acariciador, dando a impressão que o tempo vai melhorar, como os lavradores tanto anseiam.

O trabalhador rural, a maior vítima destas inclemências do tempo, tem estado inactivo sofrendo as costumadas necessidades que particularmente este ano se agravaram com a prolongada invernia. — C.

FÁBRICA DE BONECOS DE PASTA
CINDERELA

é sem dúvida a fábrica que melhor colecção apresenta no mercado e a que tem os mais lindos bebés, bonecas e animais no estilo anatómico ou cómico. Unica colecção no País e a preços baixos. Peçam tabelas. Enviamos os pedidos da província. Telef. 366259 e à noite 48858. Cal. Agostinho de Carvalho, n.º 11, 1.º (ao Teatro Apolo).

LEIA, COMPRE, ASSINE, DIVULGUE «REPUBLICA». DIARIO DE DOUTRINA E INFORMAÇÃO.

AVENTURAS DE PEDRITO

O SONO DA MORTE

Por J. FORD

Director da Organização de Recuperação e Pesquisa, da Africa Oriental

Na Africa tropical, da margem meridional do Saharà á terra dos Zulus, na União Sul-Africana, grassa entre a população uma série de doenças transmitidas pela mosca tsé-tsé (Glossina).

Estes insectos infestam cerca de 11.700.000 quilómetros quadrados de terras, isto é, uma área equivalente a vez e meia a superfície da Austrália. Em toda essa vastidão, a tsé-tsé transmite tripanosomas, fatais ao gado e outros animais domésticos; numa parte da referida região, a mesma mosca pode infectar o homem com o tripanosoma causador da mortal doença do sono.

Assim, mesmo que o africano tenha a sorte de habitar uma localidade isenta da doença do sono, pode viver privado de proteinas animais necessárias á sua dieta, enquanto sua lavoura sofre por falta não só de esterco para adubar, como de animais para tracção. Além disso, o homem ali, como é natural, tende a conglomerar-se com o gado em áreas relativamente restritas mas livres de tsé-tsé. Resultdo: essa terra é excessivamente lavrada e pastada, e, evidentemente, sofre com isso.

Enfim: directa ou indirectamente, a tsé-tsé, através das doenças que produz, prejudica toda a economia da Africa tropical, e não há duvida alguma de que o atraso do africano pode ser atribuido, em grande parte, a essa terrível peste.

Conhecem-se vinte e três espécies de mosca tsé-tsé, vivendo algumas na floresta tropical humida, outras na vegetação ribeirinha, outras ainda nos bosques e nas plantas rasteiras de regiões mais secas. Todas, porém, só sobrevivem á sombra de árvores ou arbustos.

Algumas são grandes, outras apenas do tamanho duma mosca comum, e todas se nutrem do sangue de animais.

Muitos desses animais selvagens da Africa levam no sangue os tripanosomas parasitários, aliás inofensivos para eles. Ao alimentar-se, a tsé-tsé ás vezes suga esses tripanosomas, que nela se desenvolvem até infectá-la e torná-la infecciosa.

Poderá depois continuar alimentando-se apenas nos animais selvagens, sem efeitos; mordendo, porém, seres humanos ou gado, pode matar.

Os tripanosomas também são de espécies diferentes.

Dois deles provocam a doença do sono no homem. Na Africa Ocidental, no Congo e, mais para Leste, até o Lago Vitória, a enfermidade geralmente aparece sob a forma chamada «de Gambia», transmitida por tsés-tsés que proliferam ás margens dos rios, dando lugar, não raro, á formação de focos perigosos onde vai gente tirar água ou banhar-se.

Essas tsé-tsés ribeirinhas, ás vezes alimentam-se quase só em répteis, mas há abundantes provas de que o tripanosoma que causa a doença do sono de Gambia não raro se alberga exclusivamente no próprio homem.

Nos territórios atingidos, milhões de pessoas estão sujeitas a essa doença e, antigamente houve horríveis epidemias, como, por exemplo, na Uganda, entre 1896 e 1906, quando, ao que se calcula, morreram 200.000 pessoas.

A outra forma da doença que ataca o homem denomina-se «da Rodésia», restringindo-se quase sòmente á Africa Oriental e Central.

Há ali muitas provas a sugerir que os animais selvagens constituem importante reservatório da enfermidade, transmitida, em grande parte, por uma tsé-tsé que infesta vastas regiões de arvoredo seco, sem se limitar aos rios. A Doença da Rodésia é mais aguda do que a de Gambia e não sendo tratada mata muito mais depressa.

Há cerca de vinte e cinco anos fabricou-se na Alemanha um remédio (Bayer 205, ou Antrypol) capaz de curar ambas as doenças na primeira fase; um pouco mais tarde, os norte-americanos descobriram outra droga (Tryparsamida), eficaz nos casos mais adiantados da doença de Gambia.

Já que na Africa Ocidental a tsé-tsé transmissora da doença do sono entra muito em contacto com os seres humanos, o problema é alvo de mais cuidados no tocante ao homem, do que ao gado.

Os governos dos protectorados francês, belga e britanico da Africa Ocidental, mantêm amplos serviços de tratamento da doença do sono, graças aos quais, nestes ultimos anos, a incidência da enfermidade se reduziu a níveis muito baixos.

Para termos uma ideia do vulto de tais serviços, basta dizer-se que na Africa Ocidental Francesa se examinam anualmente cerca de quatro milhões e meio de pessoas. Na Nigéria, entre quatro milhões examinados, entre 1931 e 1943, 11% estavam infectados.

Esse diagnóstico e tratamento em massa dos casos infectados resultou em notável declínio da proporção de vitimas, a qual descera, em 1950, a 0,37% das 800.000 pessoas examinadas.

Ultimamente, as autoridades francesas e belgas vêm aplicando, em grande escala, a profilaxia em massa, mediante o uso da pentamidina.

De modo geral, podemos dizer que, segundo tudo faz crêr, já pertencem ao passado as grandes epidemias, estando a doença em vias de ser completamente dominada, mas esse domínio depende de constante vigilancia sobre milhões de vidas humanas.

Problema de natureza diferente é o que se verifica nas regiões da Africa Oriental e Central, infestadas pela Doença do Sono da Rodésia.

Seja porque a doença é mais aguda e portanto mais perigosa, seja porque quase toda essa área não se presta, realmente, a grandes densidades demográficas, o facto é que há ali menos pessoas em perigo de infecção.

Assim, costuma-se remover as pessoas, por completo, das regiões assoladas pela tsé-tsé, ou, então, sendo isso impraticável, isolá-las em «colónias da doença do sono», onde, cooperando na lavoura, podem elas criar verdadeiras ilhas de terra, nas quais, tendo sido derrubadas as árvores, a tsé-tsé não pode subsistir.

Em consequência de tais medidas, iniciadas há cerca de 25 anos, a Doença da Rodésia já se reduziu muito e, embora em potencial seja ainda perigosa, raramente produz mais de 1.000 ou 1.500 casos por ano, na Africa Oriental, dos quais pouquíssimos são mortais, graças aos postos de diagnóstico e tratamento.

Por piores que sejam os efeitos da doença do sono, é possivel que, se pudessemos compreender plenamente a situação criada pela presença da tsé-tsé, chegássemos á conclusão de ser a tripanosomiase do gado um obstáculo ainda mais

(Continua na 8.ª página)

DOIS GRANDES ROMANCES

de ERICH MARIA REMARQUE

PRIMEIRO O ÊXITO LITERÁRIO

A CENTELHA DA VIDA

«Uma leitura vigorosa que uma vez iniciada dificilmente se interrompe...»

Um volume de mais de 400 págs., 40$00

E AGORA O GRANDE SUCESSO MUNDIAL

TEMPO PARA AMAR E TEMPO PARA MORRER

Um soldado alemão da última guerra perante a morte e... o amor

Um volume de mais de 400 págs., 40$00

A' venda nas Livrarias e Tabacarias. — Envia-se, pelo correio, à cobrança

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

RUA DAS FLORES, 45 — LISBOA

VIDA INTERNACIONAL

Táctica comunista, inquietações socialistas e projectos de De Gaulle?

O voto do grupo comunista, a favor dos poderes especiais do governo francês, em relação à Argélia, constituiu o elemento mais surpreendente do debate da Assembleia Nacional, quando se procedeu àquela votação. Ela surpreendeu os próprios militantes do partido, que tinham ido momentos antes, em delegação, ao Palais Bourbon, para pedir aos deputados de outros grupos que não votassem a confiança ao governo.

Este voto favorável, que tinha sido precedido, no partido comunista, de uma discussão em que certos dirigentes, como o sr. Léon Feix, responsável da «Secção colonial» do partido, tinham expressado o seu receio sobre as consequências de uma tal atitude para os comunistas argelinos, tem no entanto uma justificação, que foi exposta pelo sr. Duclos, na sua breve intervenção: A preocupação de se «colar» aos socialistas.

A experiência da C. E. D. e dos acordos de Paris mostrou aos comunistas a inutilidade dos seus esforços no sentido de levantar os militantes da S. F. I. O. contra os seus dirigentes. Compreenderam que o seu voto contra a investidura do governo do sr. Pineau tornara pràticamente ineficaz a sua propaganda junto da base do partido socialista. E pensam, hoje, e não sem razão, que a sua acção nesta base será tanto mais forte quanto eles tenham dado provas do seu apoio ao governo dirigido pelo secretário geral da S. F. I. O.

«O que importa antes de mais nada — disse o sr. Duclos — é o desenvolvimento da unidade de acção operária e popular. E para atingir este fim, os comunistas estão prontos, ao menos por algum tempo, segundo a expressão de um dos seus deputados, «a engolir a pilula».

*

É certo, em todo o caso, que esta táctica, se acaso comporta perigos incontestáveis para os comunistas, torna-se desde já lucrativa junto dos socialistas. Viram-se muitos destes aplaudir o sr. Duclos. Por outro lado, posto que espicaçado pelos srs. Bidault, Barrachin, Monteil, etc., o sr. Guy Mollet recusou-se a excluir da sua maioria os votos comunistas, que, no entanto, nesta votação, não lhe eram indispensáveis. Agiu, assim, diferentemente do sr. Mendès-France, em Junho de 1954, quando se tratava da questão da Indochina.

Na verdade, os deputados socialistas que são perfeitamente conscientes do mau humor que se manifesta no seu partido, contra a politica realizada na Argélia pelo governo de direcção socialista — como aliás contra os projectos do sr. Ramadier no Ministério das Finanças — admitem que lhes seria muito mais dificil acalmar este mau humor no dia em que os comunistas se «separassem», e «atacassem», directamente, a politica de um governo de que eles preferem, de momento, fazer realçar «o desejo de alcançar ràpidamente a paz, e obrigar os grandes proprietários da Argélia a renunciar aos seus privilégios».

É verdadeira, a inquietação dos socialistas ao terem de tomar a responsabilidade de de lançar novas tropas na guerra da Argélia. E a última declaração do sr. Mollet, afirmando que não era necessário, «pelo menos imediatamente», chamar novas classes, sossegou-os um pouco, tendo igual efeito a afirmação do sr. Max Legeune, segundo a qual este «imediato» compreenderia um periodo de pelo menos três meses, em que as forças militares da Argélia poderiam ser suficientemente aumentadas, especialmente pelo aceleramento da «rotação», ao mesmo tempo para os soldados de carreira e os do contingente.

Os deputados S. F. I. O. preferiram reter estas declarações optimistas, àquelas muito mais carregadas de ameaças do sr. Robert Lacoste. Foi notado que o «Populaire» não transcreveu esta frase importante do seu discurso, que, todavia, foi assinalada pelo conjunto da Imprensa, inclusivé «L'Humanité»: «Se o apelo que dirigimos aos nossos adversários não for atendido, ser-nos-á necessário pedir à Nação que faça pela salvação da Argélia um esforço tão grande, como o que a Argélia consentiu nos anos de miséria para a salvação da metrópole».

*

Um outro elemento politico importante apareceu no decurso do debate, em que o sr. Jacques Soustelle foi um dos oradores mais escutado. Muitos observadores politicos consideram que o antigo governador geral, ao trazer o seu apoio ao governo que lhe tirou suas funções, quis inculcar-se como o homem para quem poderia apelar-se, em caso de agravamento da situação na Argélia.

Esta atitude foi, porém, aproximada depressa demais da actividade crescente de que dá provas há algum tempo a esta parte o general De Gaulle. É esquecer que as relações entre o antigo presidente do R. P. F. e seu antigo colaborador directo pioraram extraordinàriamente, desde o momento em que o sr. Soustelle aceitou o cargo de governador geral na Argélia.

O general De Gaulle, que rompeu, na verdade, com quase todos os antigos parlamentares do R. P. F., parece ter adquirido, no seu refúgio de Colombey-les-Deux-Eglises, uma visão mais realista de certos problemas — e particularmente o da Argélia.

De Gaulle tem-se encontrado nestes últimos tempos com numerosas individualidades, pertencentes a sectores muito diferentes: politicos, sindicalistas e directores de jornais, alguns dos quais lhe têm sugerido o seu regresso à vida pública. Neste ponto, o general permanece cauteloso, mas mesmo nos seus momentos de grande depressão, nunca abandonou a ideia de que acontecimentos graves poderiam levá-lo, de novo, ao primeiro plano da cena, e recompensá-lo, então, das várias decepções sofridas desde a Libertação.

CLAUDE ESTIER

Os socialistas e a paz

Não se fez qualquer alarido, em volta da recente reunião, em Zurique, do Conselho Internacional Socialista. E, todavia, foram ali discutidos alguns problemas fundamentais: — desarmamento, Médio-Oriente e relações com a União Soviética.

No que diz respeito ao desarmamento, o Conselho votou uma resolução, apresentada por Jules Moch, que pede o desarmamento imediato, controlado, á escala internacional. Depois de haver sublinhado que só o acordo sobre o desarmamento pode facilitar a solução de numerosos conflitos em curso a resolução pede aos governos de todos os países que adoptem um plano fundado no princípio seguinte: nem controle sem desarmamento nem desarmamento sem controle, mas desarmamento simultaneo e controlado, por etapas.

Mas sem se importar muito com o princípio que acabava de afirmar, o Conselho, após o apelo de Golda Myerson, representante dos socialistas israelitas, votou uma resolução criticando a politica das potências ocidentais em relação ao Médio-Oriente, e em que se pedia, «para a manutenção da paz o envio, por Israel, de todas as armas necessárias á sua legitima defesa».

As relações com os partidos comunistas e a União Soviética foram encaradas apenas sob o aspecto da incompatibilidade do «socialismo democrático» com os «partidos totalitários». O Conselho repeliu qualquer ideia da Frente comum, e mesmo de colaboração politica com «os partidos da ditadura». Segundo o social-democrata alemão Wehner, não pode haver entre socialistas e comunistas outras relações que não sejam as que existem entre a corda e o enforcado. Para ele, o preludio para uma colaboração eventual só poderia ser a «libertação dos países satélites».

Mas Morgan Philips, secretário do Labour Party, explicou, por sua parte, que esta resolução não deveria ser considerada, senão como um projecto, e que o Bureau executivo da International Socialista deveria rever o texto em Londres, em 7 de Abril, e certamente adoptaria uma redução mais construtiva. Pierre Commin e Bárbara Castle apoiaram Morgan Philips, fazendo realçar que o texto votado contrariava os esforços já realizados, a favor do desarmamento.

Alguns problemas da estrutura Agrária Portuguesa perante o Cooperativismo

Pelo Engenheiro-Agrónomo prof. HENRIQUE DE BARROS

O primeiro dever de quem aceita proferir uma conferência ou simples palestra consiste em se inteirar do género do publico a que vai dirigir-se, da sua orientação e das suas tendências, em certa medida daquilo que dele, conferente, com razão ou sem ela, esse publico se julga no direito de esperar. Assim procurei fazer, com sempre faço, após ter anuido ao amável convite do dr. João Sá da Costa para vir falar a um grupo de ardorosos cooperativistas, a respeito da posição do cooperativismo perante alguns dos mais graves problemas estruturais da agricultura portuguesa. Entendi, desde logo, que, ninguém esperaria de mim, nesta ocasião, um discurso de propaganda cooperativista: acto, sem duvida de todo desnecessário, descabido, até, para os meus auditores de hoje. Mas entendi também que se tornaria menos inoportuna toda e qualquer exposição puramente doutrinária, com pretensões científicas, destinada a tentar mostrar como se aplicam ao conhecimento das realidades sociais certos conceitos da moderna ciência económica. Entendi, em suma, que me estaria a dirigir a cooperativistas, gente pragmática, preocupada, sim, em conhecer de perto, as realidades, todas as realidades, mas não pelo mero prazer de as ficar conhecendo, antes com o propósito de se habilitar a contribuir para modificar a seu jeito aquelas que de modificações careçam. O jeito daqueles — e são hoje milhões por todo o Mundo — daqueles que acreditam ter encontrado na prática dos principios rochdaleanos e na ampliação destes a outras esferas que não as do mero consumo, o remédio mais genuino para os achaques sociais.

Para gente assim, o que principalmente interessa, se não estou em erro, é adquirir informação a mais ampla possivel, acerca dos campos de aplicabilidade da sua ideologia. E' conhecer, tanto nos dominios da estrutura como nos da conjuntura, aquelas realidades favoráveis que facilitam a aplicação prática do cooperativismo e aquelas outras desfavoráveis que constituem obstáculos a tal aplicação, mas que o cooperativismo seja capaz de corrigir ou eliminar.

Nesta interpretação do sentir do meu publico me fundamentei, ao preparar a palestra. Tentarei descrever certas características da estrutura agrária nacional que julgo merecerem ser conhecidas daqueles que, por idealismo, ambicionem ver aplicadas á produção agricola as normas do sistema cooperativista: caracteristicas essas propícias umas vezes a tal aplicação ou pelo menos não impeditivas; outras vezes, porém, francamente inibidoras, a ponto de se erguerem como obstáculos, cujo remover é indispensável condição prévia de qualquer esforço pro-cooperativista.

Ainda a título introdutório, permitir-me-ei declarar aqui, com o coração nas mãos, a minha posição pessoal perante o movimento cooperativo. Creio não a poder definir melhor do que afirmando-me adepto desse movimento social, direi mesmo adepto fervoroso, mas acrescentando logo que não sou um devoto e muito menos um fanático do cooperativismo. Aliás, aqui para nós, não sou devoto nem fanático de coisa alguma. O cooperativismo, em meu entender modesto, não é panaceia universal, não resolve todos os problemas e não me parece nada provável que venha alguma vez a dilatar-se além de determinados limites, de resto ainda a distancia imensa de serem alcançados.

O sonho gideano da realização em quatro fases da Republica Cooperativa, a ultima das quais consistiria em os consumidores-cooperadores promoverem eles próprios a produção agricola, é um sonho que não se tem revelado apenas utópico, mas que, em minha opinião, merece até considerar-se como de indesejável realização. Ninguém de espírito progressista contestará a inestimável vantagem social de democratizar a produção agrícola. Ora, semelhante democratização não resultaria, com toda a certeza, de sistemas que entregassem a produção de alimentos a grandes empresas agricolas pertencentes a coperativas de consumidores e cuja estrutura, em ultima análise, as tornaria funcionalmente similares a empresas privadas de tipo patrònal. Cooperativas agricolas de produção, ou cooperativas de produtores agricolas individuais — duas soluções tecnicamente opostas, mas socialmente conciliáveis quanto a desempenharem o seu papel na democratização da produção. Ambas têm argumentos a seu favor, mas nenhuma coincide com a concepção gideana primitiva, de resto mais tarde profundamente alterada pelo seu próprio autor. A primeira, ou seja a coòperativa integral de produção, ajustar-se-ía muito de perto aos requisitos doutrinários do cooperativismo; a sua generalização, encontrar-se-ía, porém, em oposição tão categórica á mentalidade camponesa que não me parece fácil admiti-la num sistema social que conserve pelas liberdades publicas aquele respeito que muitos ainda, por esse conturbado Mundo, acreditam dever conservar-se. Quanto á segunda, que poderá definir-se como uma super-estrutura cooperativista de uma economia conservando larga margem de autonomia individual nas decisões económicas, afiguram-se-me evidentes os seus méritos imensos, mas não menos evidente que não constitui, de um ponto de vista teórico, uma solução integralmente cooperativista.

Deixemos, todavia, estas divagações menos oportunas porventura, para entrarmos mais directamente no tema escolhido deste momento. Desejo apenas que fique bem claro que as reservas esboçadas em nada afectam a minha atitude pro-cooperativista, quer de modo geral, quer nos domínios agricolas, e em especial a adesão que abertamente dou a todos os esforços em prol da cooperação entre os pequenos e os médios produtores agricolas.

(Continua)

(Da conferência proferida em Novembro passado, na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal).

Espionagem ou conjuração política contra alguns republicanos?

O processo das «inconfidências», um dos maiores deste género em França, onde o caso Dreyfus foi, sem dúvida nenhuma, o mais grave de todos, continua a ser julgado em Paris. Ao princípio, pouco ou nada se percebia. Eram tantas as deposições e declarações contraditórias sem resultados positivos aparentes, que se tornava fácil perdermo-nos a cada instante.

Mas a verdade começa já a transparecer mais ou menos clara.

Bom grado ou mau grado seu, os principais actores deste extraordinário romance «policial» principiam a revelar o jogo. E o que já não oferece dúvidas é que tudo se fundamenta num grande trama destinado a perturbar a IV República francesa, pela inutilização sistemática, e definitiva, dos seus chefes políticos mais evidentes, entre os republicanos amigos de Mendès France.

E' o que iremos ver em breve.

Não cozinhe em casa!!!

Experimente V. Ex.ª o Serviço especial de pratos individuais do

RESTAURANTE FORMA

Rua de Dom Duarte, N.º 1-B

(à Praça da Figueira) LISBOA

República 1-4-1956

A luta na Argélia é essencialmente dirigida contra o colonialismo

Muitos de entre nós pudemos pensar, durante algum tempo, e com inteira boa-fé, que a paz aparente da Argélia tinha sido perturbada por um punhado de «agitadores profissionais de importação estrangeira» e que bastaria uma acção enérgica para os meter rapidamente na ordem.

Ora, a verdade é que há já 14 meses que estão sendo tomadas as medidas mais enérgicas e mais brutais. E o estado de urgência aplicado a todo o país, fez-se acompanhar do aparecimento de novos «maquis», e um comando militar foi instaurado mesmo ás portas da capital, nesta Kabylia reputada «leal», e presentemente ocupada durante o dia pelo exército, e controlada, á noite, pelos «partidários».

Os comunicados das operações aumentam a inquietação geral. E a discriminação quotidiana e punitiva de «rebeldes» e «terroristas» mortos, de «foras-da-lei» e «bandidos» capturados, de «suspeitos» abatidos por delito de fuga, ou enviados sem provas, ou sem julgamento, para os campos de concentração, ou prisões, dá-nos o testemunho de uma guerra atroz, travada em nossa terra, sob a capa de pacificação.

Os níveis da luta popular são desiguais. Há zonas ainda calmas.

Mas é também uma calma aparente.

Nestes ultimos tempos, falou-se muito da Orania. Depois, alguns «harkas», levados e apresentados ao som de trombeta, desapareceram, subitamente, carregando armas e bagagens.

A despeito das formas estranhas, e muitas vezes trágicas que toma a luta em curso; a despeito das provocações colonialistas, algumas das quais já conhecidas; a despeito de certos movimentos irresponsáveis — a resistência francesa também teve os seus «maquis» negros — a luta geral até hoje travada foi dirigida sem equivoco possivel contra o colonialismo, contra os que vivem á sua custa, ou sustentam a sua causa.

Há, bem o sabemos, terriveis excepções. Há a deplorar numerosas vitimas inocentes entre os europeus. Houve a tragédia de El-Alia. Mas, por mais trágicos que sejam estes factos, continuam a ser factos isolados.

O que jámais devemos esquecer é o que uma censura vigilante se esforçou baldadamente por ocultar, e que hoje se conhece em sua trágica extensão.

No livro negro das vitimas inocentes, contam-se por milhares e milhares os nomes dos muçulmanos.

Pensemos nesses milhares de crianças, de mulheres e de velhos, cujo unico crime foi habitar essas numerosas «mechtas», transformadas em novos Oradour.

Pensemos nas exacções e sevícias cometidas; em todas as ilegalidades; nos milhares de simples suspeitos torturados, presos e internados. E poderemos, então, avaliar a força explosiva e temível das cóleras e ódios acumulados por toda a parte, devidos a uma politica insensata.

E' por tudo isto, pois, que nos parece de urgente necessidade, como imperativo numero um: fazer tudo para acabar imediatamente com a efusão de sangue na Argélia.

A paralisação dos combates, ou, por outras palavras, o cessar-de-fogo na Argélia, só poderá conceber-se se se permitir a abertura de negociações gerais, onde sejam discutidos, com vontade de chegar a um acordo comum, os meios de satisfazer e de harmonizar os interesses em causa.

(De uma carta aberta, assinada por 54 professores franceses e muçulmanos).

«REPÚBLICA» é O TEU JORNAL. PROPAGA-O E ACONSELHA-O AOS TEUS AMIGOS.

Tendência para a esquerda na Indonésia

O governo Masjumi (muçulmano da direita) do sr. Harahap foi obrigado a demitir-se, e o presidente Soekarno chamou o sr. Sastroamidjojo (nacionalista) para constituir o novo gabinete. Foi este o resultado das eleições do Outono último, cujos resultados definitivos, proclamados recentemente, permitiram a reconstituição, em bases mais sólidas, da antiga coligação.

Um golpe de força militar tinha obrigado, em Agosto do ano passado, nas vésperas da consulta eleitoral, a que o governo Sastroamidjojo se demitisse. Sastroamidjojo, lugar-tenente fiel do presidente Soekarno, foi um partidário consequente da coexistência pacífica: representou um papel importante na conferência de Bandoeng, que ele tinha ajudado a preparar; assinara um acordo de grande interesse relativo à minoria chinesa na Indonésia, na altura da sua viagem a Pekin; e a sua politica orientava-se pelos mesmos principios da do Pandit Nehru. No plano interior, apoiava-se numa coligação, em que participavam comunistas e progressistas.

As últimas eleições deram ao partido nacionalista o primeiro lugar, «ex aequo» com o Masjumi, que teve menos votos, mas o mesmo número de deputados (57). Mas este último partido perdeu o governo pelo aumento considerável do número de deputados dos outros dois grandes partidos indonésios, Nahdatul Ulama (muçulmano da esquerda: 45 deputados), P. K. S. (comunista: 39 deputados).

Foi pois uma maioria da esquerda que se constituiu de novo no grande arquipélago do Sudeste asiático (80 milhões de habitantes). É inegável que as ideias de Bandoeng ficaram, assim, poderosamente reforçadas. Ao mesmo tempo, foi um golpe muito severo para os holandeses. Estes tinham, na verdade, tentado fazer um «arranjo» com o governo anterior, de maneira a preservar mais ou menos as suas posições económicas no país. Mas não conseguiram os seus desejos. Foi mesmo o último governo, contra todas as suposições, que denunciou unilateralmente os acordos de união económica e financeira com a antiga metrópole. E, agora, parece já bem difícil, um novo acordo entre Djakarta e Haya.

O Cambodja: neutralidade perfeita

O príncipe Norodom Sihanouk tem o gosto do paradoxo. Apenas chegado de Pekin, anunciou a sua intenção de seguir para Washington. Beneficiário do auxilio americano, recebeu ainda há poucos dias dos Estados Unidos 8 aviões militares, que vão constituir a base da futura aviação Khmère. Mas, há poucos dias igualmente, anunciou, numa conferência de Imprensa, que estava disposto a receber auxilio económico da China Popular. Levando ao extremo o seu humor neutralista revelou que havia convidado, ao mesmo tempo, para uma visita ao Cambodja, Chou En Lai, comunista, e Chang Kai Chek, nacionalista. Norodom Sihanouk declara-se, enfim, pronto a trocar representantes consulares com o Vietnam do Sul, mas a estabelecer, da mesma forma relações económicas com o Vietnam do Norte.

Em todo o caso, o espírito de independência manifestado por Norodom Sihanouk, assim como a hospitalidade concedida, no território Khmer, aos «neutralistas» vietnamianos refugiados, não são muito do agrado dos seus vizinhos, decididamente anti-comunistas. O recente encerramento, a leste, da fronteira vietnamiana, foi seguido, há pouco, do encerramento da fronteira siamesa, a oeste. E, estando cortadas, assim, as relações comerciais com estes dois países, o Cambodja encontra-se submetido a um verdadeiro bloqueio económico. É claro que, longe de impedir o Cambodja de voltar-se para a China, estas pressões mais o obrigam, pelo contrário, a aceitar-lhe ràpidamente um auxilio económico importante.

Entretanto, uma delegação comercial Khmère deve ir em breve a Paris, para ali negociar novos acordos económicos. A construção de um porto de mar em Kompong-Som, no golfo do Sião, com o concurso da França, e o projecto franco-khmer da construção de um grande aeródromo em Pnom-Penh, contribuirão para dotar o Cambodja com vias comerciais autónomas, e a torná-lo, consequentemente, menos dependente tanto da via fluvial do Mekong e do porto vietnamiano de Saigão, como dos caminhos de ferro siameses.

GAZETILHA

Ena!...

O Mundo está sossegado
E os povos todos tranquilos
Vivem em paz lado a lado
Sem que nunca hajam tentado
Apertar-se os gorgomilos,

Temos bolos ordenados
Para encher os mealheiros,
Mas vamos ser aumentados
Para sermos transformados
Em riquíssimos banqueiros.

Havemos de ter uns fatos
Dos mais finos cheviotes
Por preços muito baratos
E um belo par de sapatos
Tudo por trinta barrotes.

Não haverá mais tristeza,
Nem pensamentos dos tétricos
E vamos ter a surpresa
De viajar com largueza
E com lugar nos eléctricos.

Vai ser um céu a cidade
Co'um jardim a cada esquina
E até mesmo ainda há-de
Haver muita liberdade
P'ra dar vivas à Cristina!

E ainda havemos de ver,
Completamente assombrados,
Mas babados de prazer,
Que do céu hão-de descer
Uns frangainhos assados!

E é o que eu posso anunciar,
De mais grato e mais gentil,
P'ra a gente se rebolar
Co'uma alegria sem par
Neste primeiro de Abril.

ABEL MORENO

MÚSICA

O dr. Ivo Cruz vai dirigir concertos à Bélgica e à Alemanha

No «sud», segue, terça-feira, para Paris, com destino à Bélgica e à Alemanha, o dr. Ivo Cruz, director do Conservatório Nacional, que vai dirigir uma série de concertos em Bruxelas, Hamburgo e Munique.

Para colaborar no concerto de Bruxelas, segue, também, a cravista Maria Malafaia, professora da classe de cravo do Conservatório Nacional.

O Centenário de Mozart, com a Orquestra Filarmónica, amanhã no Conservatório

Associando-se aos festivais que em todo o Mundo culto estão sendo realizados para comemorar o 2.º Centenário do nascimento de Mozart, apresenta-se amanhã na Sala do Conservatório, a Orquestra Filarmónica de Lisboa, sob a direcção do dr. Ivo Cruz.

No programa figuram a Serenata em Sol Maior e a Sinfonia em Mi bemol maior.

Os bilhetes encontram-se à venda na Casa Sassetti e no Conservatório Nacional

Concerto de artistas alemães

Na próxima 3.ª feira, às 21.45, realiza-se no Conservatório, um concerto de «Intercâmbio Musical» com a colaboração do Conservatório Nacional e os Serviços Culturais da Legação da Alemanha, para a apresentação dos artistas alemães, Prof. Willy von Beckerath (violoncelo) e Eummeran von Lerchenfeld (piano).

Os convites para este Concerto podem ser levantados na Legação da Alemanha e na Secretaria do Conservatório.

Artes Plásticas

Exposições de pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes

Na Sociedade Nacional de Belas Artes foi inaugurada, esta tarde, com a presença de numerosos visitantes, uma exposição de pintura do artista João Reis.

— Amanhã, ás 16 horas, naquela mesma Sociedade, é inaugurada uma exposição do pintor Lauro Corado.

— A exposição do pintor Lázaro Lozano, que estava patente ao público num dos salões do rés-do-chão da Sociedade N. de Belas Artes, continua aberta, mas, de hoje em diante, no salão do 1.º andar do mesmo edifício.

DESPORTO

O Torneio de Montreux

Portugal, 3 - Alemanha, 1

A equipa portuguesa, que se encontra em Montreux, a concorrer á Taça das Nações, folgou, ontem, na jornada da tarde, defrontando, á noite, a turma da Alemanha.

O encontro foi difícil para os portugueses, dado que os seus adversários, duros e combativos, marcaram em primeiro lugar, aos 3 minutos de jogo e a equipa lusitana só aos 12 minutos alcançou a igualdade, resultado com terminou a 1.ª parte.

Alcançado 2.º golo, logo no primeiro minuto da 2.ª parte, o grupo português passou a exibir-se muito melhor, obrigando os alemães a manterem-se na defensiva. E só aos 10 minutos, de grande penalidade, os portugueses conseguiram o seu terceiro tento, o chamado golo da tranquilidade.

No conjunto, a turma de Portugal, sem ter jogado o que sabe e pode, foi superior aos alemães. Estes, passado o rompante inicial, em que obtiveram o seu unico tentó, acantonaram-se na defesa e praticando uma marcação cerrada, tornaram difícil a vitória lusitana, que, se não teve o brilho habitual, não deixou, contudo, de ser merecida.

Os portugueses, para este encontro, alinharam com o grupo habitual: Matos; Edgar, Cruzeiro, Lisboa e Perdigão.

Ao fim da 4.ª jornada, os 3 primeiros lugares são ocupados por Portugal, Espanha e Suíça, sem derrotas.

Nos outros jogos efectuados á tarde e á noite, registaram-se os seguintes resultados: Bélgica-Itália, 2-1; Alemanha-Jugoslávia, 9-1; Espanha-Inglaterra, 3-0; Suíça-Bélgica, 3-2; Inglaterra-Jugoslávia, 6-0; Espanha-Itália, 1-0.

A' turma portuguesa falta disputar os seguintes encontros: hoje á tarde, Portugal-Espanha; á noite, Portugal-Suíça.

Amanhã, á tarde, Portugal-Jugoslávia, e, á noite, Portugal-Itália.

19.ª Jornada ao Outão

(Continuado da 1.ª página)

de, em memória de seu filho dr. Manuel Freire Saude e de sua esposa D. Clarisse Castanheira Freire da Saude, 100$00; J. S. S., Lisboa, 20$00; Eduarda Rodrigues, em memória de sua irmã Elisa de Almeida, 20$00; dr. José Gardette Martins, Castelo Branco, 30$00; Olga Artur, Almada, 50$00; Manuel Leite Pinheiro de Magalhães, Ul (Oliveira de Azemeis), 20$00; A. T. C., 40$00; Francisco da Fonseca, 10$00; E. Gonçalves, Lisboa, 10$00; B. Ferrão, Lisboa, 5$00; J. B. Santos, Lisboa, 2$50; Sab. Lemos, Lisboa, 10$00; Claudio A. Pinto, Lisboa, 10$00; Um amigo da «Republica», 7$50; Maria Celeste Madeira Sequeira, Lisboa, 10$00 e alguns brinquedos; Eduardo José Simões Geraldes, 5$00 e um maço de revistas; Miguel Vieira da Silva, Algoz, 20$00 e um brinquedo; A Primorosa, Lisboa, 100$00 e um pacote com rebuçados «S. Paulo»; Carlos Alberto, 4 jogos; Bazar Marcelina, de Rui Mendes, Cascais, 7 jogos e outros brinquedos; Pedro Duarte & C.ª Ld.ª, Cascais, uma colecção de jogos e outros brinquedos; Alvaro Guia de Jesus Sousa, Bombarral, uma caixa com amêndoas; Duas irmãs aljustrelenses, Aljustrel, 10 brinquedos; Maria do Rosário Botelho, 3 brinquedos e livros de histórias; Tété Domingues e Anucha Domingues, 10 livros de histórias; A. Espalha, Lisboa, 10 cavalos; 3 irmãos Duartes: Ricardo, António e Antero, Cova da Piedade, 1 pacote com brinquedos; Um caparicano, Monte de Caparica, 100 pacotinhos com amêndoas.

A importancia de 50$00 já registada nestas colunas, em nome de um «leitor assíduo» foi-nos oferecida em memória de sua querida e saudosa esposa Jusina de Sousa Machado, falecida em 15 de Agosto de 1955.

«REPUBLICA» NA MÃO É UM TITULO DE ORGULHO PARA TODOS OS REPUBLICANOS E DEMOCRATAS.

LUTA AMERICANA

A sessão de ontem no Parque Mayer

No Parquè Mayer efectuou-se, ontem, mais uma sessão de luta americana, que teve a presencia-la numeroso públiço. Do programa faziam parte quatro combates, em que se registaram os seguintes resultados:

Kid Zamboa-Kid Fer, fizeram combate nulo; Sureda, venceu Febrer, por fora do combate ao 3.º assalto; Saludes venceu Rocha, por assentamento de espáduas, no 4.º assalto; e José Luís venceu Barrigana, por fora de combate ao 2.º assalto.

AUTOMOBILISMO

«Rally» do I centenário da Associação Naval de Lisboa

Em homenagem à Associação Naval de Lisboa que vai comemorar o seu primeiro centenário promove o Moto Clube de Lisboa, nos proximos dias 21 e 22 Abril o «Rally» do I centenário da Associação Naval de Lisboa, que tem a particularidade de ser o primeiro à capital, com inicio em todos os distritos do continente.

Para este «Rally» que está despertando um desusado entusiasmo, entre os motociclistas e scooteristas, conta já o clube organizador com numerosos prémios. O regulamento da prova pode, desde já, ser solicitado na secretaria do M. C. L. — Rua da Emenda, 118, em Lisboa.

TIRO

Provas de preparação olímpica

Está marcada para este mês de Abril, em Lisboa, Porto e Maceira-Liz, a segunda volta das provas de preparação olímpica, organizadas pela F. P. T. e realizadas pelo S. L. Benfica, Sociedade de Tiro do Porto e Casa do Pessoal da Empresa de Cimentos de Leiria.

A admissão é livre a atiradores portugueses nas seguintes categorias: carabina livre a 50 metros—3 posições; carabina livre a 50 metros—deitado; pistola livre a 50 metros e pistola automática a 25 metros, velocidade.

VOTOS DE SAUDAÇÃO

Clube Desportivo de Arroios

O Clube Desportivo de Arroios, reunido em Assembleia Geral, resolveu exarar em Acta, um voto de saudação e agradecimento ao nosso jornal pelas referências às actividades do clube.

Agradecemos e registamos.

Solidariedade

Do nosso prezado amigo, sr. Arnaldo de Oliveira, recebemos a quantia de 50$00 destinada à senhora viúva de Luz de Almeida.

Agradecemos em nome da beneficiada.

— Da senhora D. Amélia Vitória Malheiro, como preito de homenagem à sempre querida e inesquecivel memória de seu marido, o sr. António José Malheiro, que foi durante 32 anos Director Geral da Contabilidade Pública, recebemos a importância de 50 escudos para distribuirmos pelos nossos pobres.

— De «Um Belenense amigo da «República» também recebemos 50 escudos para os nossos pobres e com o mesmo destino foi-nos enviada a quantia de 30 escudos, pelo nosso amigo sr. Miguel Vieira da Silva, de Algoz-Algarve.

A todos os nossos agradecimentos.

Tribunal do Trabalho

Anúncio

Pelo presente se anuncia que correm éditos de vinte dias para citação de quaisquer credores incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, e a contar da publicação do segundo e ultimo anuncio, deduzirem os seus direitos nos autos de execução de sentença em que é exequente João Neto, empregado de escritório, residente em S. João do Estoril, e executado Restaurante Parque Estoril, Limitada (Deck Bar) com sede em S. João do Estoril, e cuja execução corre seus termos pela 1.ª Secção da 3.ª Vara do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Lisboa, 5 de Março de 1956.

O Chefe de Secção,
Guilherme Gomes Filipe

Verifiquei a exactidão:

O Juiz,
António Henriques da Silva Osório Vaz

O SONO DA MORTE

(Continuado das páginas centrais)

grave ao bem-estar e ao desenvolvimento da Africa em geral.

As denças causadas pela subnutrição e deficiências alimentares constituem, conforme se reconhece hoje em dia, os mais pesados entraves ao progresso da Africa, sabendo que poderiamos dominá-las se fosse possível aproveitar as regiões actualmente impróprias para o gado, por causa da mosca tsé-tsé.

Como se sabe, muitos povos africanos, embora possuidores de gado, recusam-se, entretanto, a comê-lo, preferindo conservá-lo, como sinal de riqueza.

Parece razoável presumir-se que esse costume venha de um passado remoto em que se conhecia o perigo da pecuária, nos lugares infestados pela tsé-tsé; assim, as rêses que conseguiam sobreviver ás epizootias, que supomos hajam grassado então, adquiriam, aos olhos dos donos, um valor extraordinário.

No tratamento do gado infestado de tripanosomas ainda não se empregam drogas na mesma proporção que nos casos humanos, mas assim mesmo, depois da segunda guerra mundial, vem registando-se animador progresso, e é de destacar-se a produção de várias drogas valiosas, das quais a antricida é a mais famosa, sendo usadas cada vez mais tanto na cura como na profilaxia.

Todos reconhecem, porém, que essas desgraças só chegarão ao fim quando se eliminar por completo a tsé-tsé, e a Ciência já tem feito grandes esforços e pesquisas nesse sentido.

Até 1945, mais ou menos, havia apenas dois métodos básicos de acabar com a mosca tsé-tsé, embora pudessem aplicar-se de diversas maneiras: matar os animais selvagens que abrigam a tsé-tsé e lhe dão alimento, ou então derrubar as árvores onde se alberga.

Ultimamente, porém, o DDT, a princípio, e, mais tarde, outros preparados insecticidas, vieram prover-nos de valiosas armas contra a tsé-tsé. E' vasto, contudo, o campo de batalha, e o progresso mostra-se lento.

As intensas pesquisas que vêm realizando-se, têm sido custeadas, em grande parte, pelos governos metropolitanos que administram a Africa tropical, e, graças a isso, a tsé-tsé já é mais conhecida dos cientistas do que todos os outros insectos, salvo um ou dois (inclusive o mosquito transmissor da malária).

Seria lícito perguntar, pois, porque é que o progresso é lento, apesar de tantos conhecimentos já adquiridos a respeito. De resto, é até relativamente barato o combate a várias das espécies mais mortíferas da tsé-tsé.

São dois os motivos pelos quais esses métodos não são, nem podem ser, aplicados mais rapidamente: primeiro, a vastidão das áreas afectadas — algumas com mais de 250.000 quilómetros quadrados — impede que sejam abordadas como uma unica unidade, sendo preciso ir-se eliminando a tsé-tsé aos poucos, de segmento em segmento.

A segunda razão é que, mal se elimine a tsé-tsé de uma região, a mosca voltará a invadi-la, a menos que se utilize a terra de tal modo que a tsé-tsé não consiga sobreviver mais ali.

O ritmo de reabilitação das terras infestadas pela tsé-tsé está, pois, condicionado á procura de novas terras por parte das populações africanas.

Não se trata, simplesmente, de pressão demográfica, a qual, aliás, só existe, actualmente, em áreas relativamente pequenas; é também uma questão ligada ao potencial económico das terras ora infestadas.

Muitas dessas terras, mesmo quando isentas de tsé-tsé, exigem ainda o emprego de grande soma de dinheiro e energia para suprimento de água, abertura de clareiras para a lavoura, construção de estradas, e assim por diante. De outro modo, não se tornarão produtivas.

Actualmente, portanto, a pesquisa visa a atingir dois objectivos: primeiro, a prevenção da doença no homem e no gado; segundo, o barateamento da recuperação de terras infestadas pela tsé-tsé.

Mas o fim depende do próprio homem da Africa: utilizando com inteligência e vigor os novos conhecimentos que lhe são oferecidos, poderá ocupar produtivamente os imensos espaços vazios do continente.

BIBLIOGRAFIA INGLESA

A Africa vista de dentro

John Gunther, escritor e jornalista norte americano de projecção mundial, tornou-se famoso sobretudo pela série de livros que escreveu, dando conta dos seus estudos e observações pessoais relacionados com os principais factos e problemas da nossa época em vários continentes. Esta série, a que ele deu o sugestivo título de «Vista de dentro», e que abrangia os volumes dedicados aos Estados Unidos, á Europa, á Asia e á América Latina — foi agora enriquecida com «A Africa vista de dentro» (Inside Africa. London, Hamish Hamilton)', obra macissa de erca de mil páginas, em que o autor procura descrever-nos o continente africano, imenso e explosivo, como um todo, com todas as suas complexidades e variedades e em plena ebulição.

Ao lado de preciosas informações sobre coisas e personalidades da vida africana, John Gunther põe-nos importantissimos problemas sobre o futuro do continente negro, como a permanência ali do branco, elucidando-nos ao mesmo tempo sobre os sistemas coloniais britanico, francês, belga e português. Livro sólido, equilibrado e absorvente — tem para nós especial interesse pelo capítulo que dedica ás nossas provincias africanas.

Mussoline seu crespusculo e queda

A queda dos poderosos — meros ídolos de pés de barro — constitui sempre um fascinante assunto para os humildes. Caso curioso: a sangrenta tragédia que em geral põe termo ao poder pessoal de uns nem por isso serve para refrear as prepotências e abusos de poder de outros... Isto talvez sirva para confirmar o dito romano de que Jupiter enlouquece primeiro os que tenciona lançar na desgraça.

Mussolini foi um dos grandes ditadores da nossa época. Exibicionista e fanfarrão, teve prostrado a seus pés todo o povo italiano, escravizado e espoliado. Sonhou reconstituir o Império Romano. Lançou o sue desgraçado país numa sangrenta aventura ao lado da Alemanha, e após cerca de 20 anos do mais absoluto e discricionário poder.

Bem andou a editorial William Heinemann, de Londres, em dar publicidade ao bem documentado trabalho de Roman Dobrowski sobre o crepusculo e queda do ditador e do fascismo em Itália. Com início naquela reunião em que o Grande Conselho Fascista resolveu apear quem escravizara o povo italiano e arrastara o país para as maires ignominias e desgraças o autor, baseado em testemunhos autênticos, narra-nos toda a vergonhosa e anti-patriótica aventura de Mussolini até á sua prisão e execução em Abril de 1945. Recomendamos vivamente aos nossos leitores este livro, que no original inglês se intitula: «Mussolini — Twilight and Downfall».

A abertura do Japão ao tráfego americano

Em Julho de 1853, o comodoro Perry, da esquadra norte-americana, ancorava com a sua esquadra (que se reunira nas águas de Macau) na baia de Tóquio, abrindo assim, o Japão ao comércio e á navegação dos Estados Unidos e impondo ao Mikado o 1.º Tratado Nipo-Americano. O resultado disto foi a aparente ocidentalização do império do Sol Nascente.

Publicada pela 1.ª vez em 1856, por ordem do Congresso, a «Narrativa da Expedição duma Esquadra Americana aos Mares da China e ao Japão», há muito que se encontrava esgotada.

A editorial londrina Macdonald, em comemoração do centenário deste importante facto, que teve tremendas consequências na história da humanidade, encarregou o historiador Sidney Walach de apresentar uma edição resumida da Narrativa de Perry, coevamente compilada pelo dr. Francis Hawks. Nós, portugueses, que fomos os pioneiros, e, durante três séculos, os monopolistas do comércio e da navegação com todo o Extremo Oriente, muito sofremos com a entrada naquelas paragens da América, já então pletórica de expansão comercial e financeira. «Narrative of the Expedition of an American Squadron to the China Seas and Japan», do comodoro M. C. Perry, lê-se, na actual versão, com muito proveito e agrado, visto de certo modo relacoinar-se com a história de Macau.

A Nata de Bristol

Desde a Idade Média que a cidade inglesa de Bristol se acha associada ao comércio de vinhos. Não é de estranhar, portanto, que os seus oomerciantes ligados a este tráfego se tenham tornado famosos em toda a Europa. Na própria Inglaterra, o «leite de Bristol» tornou-se indispensável para todas as celebrações e ocasiões alegres ou solenes. Godfrey Harrison, professor de estudos clássicos da Univeridade de Oxford, perante esta íntima associação entre o desenvolvimento da cidade de Bristol e o comércio vinícola, acaba de escrever uma interessantissima obra, em que, com invejável originalidade, nos transmite a história do crescimento dessa comercial e activa cidade, servindo-se para tal da evolução do comércio vinícola. E como uma das maiores e mais antigas casas vinhateiras é a de John Harvey, (mundialmente conhecida pela sua «Nata de Bristol») com estreitas ligações em Portugal e Espanha, — é sobretudo através dela que a narrativa é feita. O capítulo sobre o vinho do Porto, ilustrado com sugestivas fotografias, contém matéria de alto interesse para nós.

(Bristol Cream London, Batsford).

A Phaidon e os Impressionistas franceses

Impressionismo é o termo aplicado a certas tendências anti-académicas e anti-romanticas verificadas na pintura francesa nos fins do século XIX, apregoadas e adoptadas sobretudo por Edouard Manet, Claude Monet, Auguste Renoir, Camille Pissarro e Edgar Degas. A caracteristica principal deste movimento é a substituição, na arte, da aparência transitória pelo facto permanente. Os impressionistas pintam as coisas, tal como elas aparecem e não como elas de facto são, segundo a sua cor e forma permanentes. Para eles, a cor, como uma quantidade definida, não existe, sendo apenas o resultado do jogo da luz sobre a forma.

É assim que os impressionistas conseguem emprestar ás suas pinturas um grau de luminosidade e uma viva sugestão de vibração atmosférica nunca até então conseguida na arte da pintura.

A luz transformou-se no assunto principal da pintura, sendo o papel do artista o de registar o efeito da luz sobre a natureza.

Talvez o Impressionismo seja a maior contribuição da França para a história da pintura.

A conhecida editorial londrina, Phaidon, acaba de lançar um volume inteiramente dedicado á escola impressionista francesa, com uma notável introdução de Clive Bell, abalizado crítico de arte inglês. A grande originalidade deste volume está em que todas as suas 50 reproduções são a cores, permitindo, assim, aos gulosos da pintura um exame directo, imediato e conjunto dos mais importantes e representativos quadros de Manet, Monet, Pissarro, Sisley, Cézanne, Degas e Renoir. («The French Impressionists in full Colour. London, Phaidon»).

Á procura da pintura espanhola

Livro curioso este, de R. Scott Stevenson, artista amador, que, atraído irresistivelmente para a pintura espanhola, procura convencer os outros a desfrutar do inefável prazer de contemplar e apreciar as principais obras primas produzidas por pintores nosso vizinhos. A parte mais interessante desta obra é, sem duvida, o seu lado prático — em que o autor nos dá informações concretas sobre a existência e paradeiro de todos os mais importantes quadros da pintura espanhola, quer dentro das suas fronteiras, quer no estrangeiro, nos museus publicos e colecções particulares. Este livro pode bem considerar-se como sendo uma história interpretativa da pintura espanhola, desde as pré-históricas documentações das cavernas de Altamira, até aos artistas ultra-modernos, como Picasso e Juan Miro. As 12 ilustrações, a preto e branco, em papel couché, valorizam esta obra, cujo titulo, no original, é: «In Search of Spanish Painting. London, Christopher Johnson.

C. E.

SOCIEDADE GERAL

Para: **S. Vicente, Praia** e **Bissau**

N/M "ALFREDO DA SILVA"

Em 10/4/56

(Via Leixões)

Carrega para Bissau em 6 e para C. Verde em 7 de Abril
Carga frigorifica no dia 9 até às 12 horas
PASSAGEIROS DE 1.ª, 2.ª e 3.ª CLASSES

N/M "ANA MAFALDA,,

Em 25/4/956

(Via Leixões e Funchal)

Carrega para Bissau em 21 e para C. Verde em 23 de Abril
Carga frigorifica no dia 24 até às 12 horas
PASSAGEIROS DE 1.ª 2.ª E 3.ª CLASSES

Para: **Cabinda, Sazaire, Luanda, P. Amboim, N. Redondo, Lobito e Moçâmedes**

N/M "ANDULO,,

Em 14/4/56

Carrega em Leixões em 10 e 11 e em Lisboa de 12 a 14 de Abril
Carga frigorifica no dia 14 até às 12 horas
PASSAGEIROS DE 1.ª CLASSE

Para: **LUANDA, LOBITO** e **MOÇAMEDES**

N/M "RITA MARIA"

Em 7/5/56

Carrega em Lisboa nos dias 2, 3 e 4 de Maio
Carga frigorifica no dia 5 até às 12 horas
PASSAGEIROS DE 1.ª 2.ª E 3.ª CLASSES

Para: **Matadi, Luanda, Lobito** e **Moçâmedes**

A carga em Hamburgo, Bremen e Anvers

N/M "ARRAIOLOS"

De 2 a 16 de Abril e em Lisboa, sòmente para Matadi, no dia 23 de Abril

N/M "BRAGA"

De 23 de Abril a 3 de Maio e em Lisboa, sòmente para Matadi no dia 9 de Maio

UM NAVIO

De 14 a 24 de Maio e em Lisboa, sòmente para Matadi, no dia 30 de Maio

N/M "BRAGANÇA"

De 4 a 14 de Junho e em Lisboa, sòmente para Matadi, no dia 20 de Junho

Todos estes navios recebem em Lisboa passageiros de 1.ª classe para Matadi

Para: **Anvers, Roterdão** (se convier) **Bremen** e **Hamburgo**

A carga nos portos de Angola

N/M "ALENQUER"

De 14 a 30 de Abril

N/M "BRAGANÇA"

De 19 de Abril a 5 de Maio

N/M "ARRAIOLOS"

De 6 a 23 de Maio

N/M "BRAGA"

De 27 de Maio a 13 de Junho

Chamamos a atenção dos Senhores Passageiros para as disposições em vigor acerca do transporte de bagagens

Tratar em:

LISBOA — Rua do Comércio, 39 — Telef. 26314/5
PORTO — Rua Sá da Bandeira, 82 — Telef. 27363

Instituto de Alta Cultura

Perante o Instituto de Alta Cultura está aberto concurso, até 28 deste mês, para concessão de bolsas de estudo fora do País, conforme as condições publicadas no «Diário do Governo», II Série, de 28 de Março.

— Perante o Instituto de Alta Cultura está aberto concurso, até 16 deste mês, para o provimento de leitorados de português em universidades da Alemanha, Inglaterra e Itália, conforme as condições publicadas no «Diário do Governo», II Série, de 28 de Março.

Transcrições

O jornal «Notícias de Macau» transcreveu, no seu número de 8 de Fevereiro último o editorial «Carácter», do nosso camarada Artur Inês, há tempos aqui publicado.

Agradecemos.

AO SAIR DO PRELO

«Segundas Núpcias»

Sonetos de João Dias

«Segundas Núpcias» — eis o título que João Dias deu ao seu livro de sonetos, todos eles inspirados em sentimentos de mágoa e saudade, transmitindo, com profunda sinceridade, um estado de alma em que a poesia anda estreitamente cingida à tristeza.

João Dias, poeta algarvio, continua a tradição de lirismo de outros poetas do Algarve, talvez mais triste do que eles, nas mágoas que não cansa de cantar.

São, na verdade, tristes os seus sonetos, onde, frequentemente, encontramos imagens do amor e da morte, lembranças das ilusões e dos sonhos desfeitos para sempre.

São bem construidas as composições do livro, onde o poeta revela sensibilidade e apurado sentido poético, irmanando-se com outros poetas românticos que do amor e da saudade fizeram belos temas.

Enquanto o crítico do nosso jornal não manifesta a sua autorizada opinião, aqui ficam as primeiras impressões sobre o livro do poeta João Dias.

Edição bem cuidada e muito apresentável.

Nitrocalciamon

«COBELAZ»

com 20,5 % de azoto

(metade nítrico e metade amoniacal — Contém CAL)

O NITROCALCIAMON

é um bom adubo de sementeira
e um bom adubo de cobertura

SUPERFOSFATOS

em pó e granulados

Sulfato de Amónio

do Amoníaco Português

Cianamida — Cloreto de Potássio

S. A. P. E. C.

GRANDES FÁBRICAS EM SETÚBAL

DELEGAÇÃO EM LISBOA
Rua dos Fanqueiros, 121-1.º
Telegramas SAPEC — Lisboa
Telefs. 24121-24122-24123

SAPEC SETÚBAL

AGÊNCIA NO PÔRTO
Sociedade de Drogas Lusitânia, Lda.
Praça da Liberdade, 53-1.º
Teleg. SAPEC — Porto
Telef. 23727

SEJA PREVIDENTE

Faça-se sócio do

MONTEPIO GERAL

ATENTE BEM NESTE FACTO

Um associado, durante 10 anos, **pagou:**

Esc. 2.454$00

As suas pensionistas, em 14 anos, **já receberam:**

Esc. 80.100$00

de pensões e subvenções.

Sede em Lisboa — Rua Áurea, 219 a 241
Filial no Porto — Av. dos Aliados, 90
Agências em COIMBRA, ÉVORA e FARO

Guilherme Graham Júnior & C.ª

Fábrica de Papel da Abelheira — Tojal
(Papel, Cartolina e Sacos de Papel)

Fábrica da Boa Vista — Porto
(Tecidos e Branqueação)

Fábrica de Braço de Prata
(Estamparia e Tinturaria)

ESCRITORIOS:

Rua dos Fanqueiros, 7 -- LISBOA
Telef. 20066/9

Rua dos Clérigos, 6 -- PORTO
Telef. 26961/2

António Moreira Rato & Filhos, L.da

Materiais de construção — Cimento Tejo
Mármores — Cantarias — Grês
Fibrocimento "NOVINCO„

Telefone: 60879
Avenida 24 de Julho, 54-F

Telegramas: Ratofilhos
LISBOA

Caixa de Crédito Caucionado, Lda.

Empréstimos sobre tudo que ofereça garantia
VENDA DE PENHORES ABANDONADOS

Sigilo — Rapidez — Segurança

JURO DA LEI

88, 1.º, Rua da Assunção — Telef. 25334

LUIS ALVES, LDA.

Por escritura de 22 do corrente mês e ano, lavrada a fls. 60 do livro n.º 5-B, das notas do 7.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário dr. Sousa e Costa, foi, entre MARIO CESAR COSTA E SOUSA e LUIS GUILHERME DE FIGUEIREDO ALVES, constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firm LUÍS ALVES, LDA., tem sede em Lisboa e estabelecimento na Estrada de Benfica, n. 362-A, conta o seu início desde hoje para durar por tempo indeterminado e tem por objecto o negócio de ferragens e ferramentas ou qualquer outro ramo de comércio em que os sócios acordem, desde que não dependa de autorização especial.

2.º — O capital social é de 20.000$00, está todo realizado em dinheiro, já entrado na respectiva caixa, e corresponde à soma das quotas, que são as seguintes: MARIO CESAR DA COSTA E SOUSA, 12.000$00; LUIS GUILHERME DE FIGUEIREDO ALVES, 8.000$00.

3.º — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, embora qualquer dos sócios possa fazer à sociedade os suprimentos de que ela carecer, nas condições em que acordarem.

4.º — Nenhum dos sócios poderá ceder a sua quota, sem consentimento de quem mais fôr sócio, que têm direito de opção.

5.º — Ambos os sócios são gerentes, com dispensa de caução, podendo qualquer deles assinar a firma e representar a sociedade, em juízo e fora dele, activa e passivamente, sendo-lhes, porém, vedado obrigá-la, em fianças, abonações, letras de favor e outros actos semelhantes.

§ ÚNICO — O gerente LUÍS ALVES obriga-se a dedicar à sociedade todo o seu trabalho e zelo, e, portanto, a não exercer a sua actividade noutra sociedade do mesmo ramo de comércio.

6.º — Anualmente, e com referência a 31 de Dezembro, será dado um balanço, que deverá estar aprovado e assinado dentro dos 60 dias imediatos.

Os lucros líquidos verificados, depois de retirada a percentagem de 5 % para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios, na proporção das suas quotas, e em igual proporção serão suportados os prejuízos até ao limite legal.

7.º — A sociedade dissolve-se nos casos determinados na lei e em assembleia geral por deliberação dos sócios tomada à pluralidade de votos; seja qual fôr o motivo da dissolução, a liquidação será feita pelos sócios, seus herdeiros e sucessores pelo modo como então combinarem e fôr de direito.

§ ÚNICO — Se falecer algum sócio, os seus herdeiros, enquanto a respectiva quota estiver indivisa, far-se-ão representar na sociedade por um só, escolhido de entre eles.

8.º — No omisso regularão a lei de 11 de Abril de 1901 e mais legislação aplicável.

Lisboa, 23 de Março de 1956.

O Ajudante do 7.º Cartório Notarial
Manuel Landum Marinheiro

NÃO BASTA QUE TE DIGAS REPUBLICANO, É PRECISO QUE LEIAS E DIVULGUES O SEU ORGÃO NA IMPRENSA: «REPUBLICA».

TINTURARIA A VAPOR

A PARISIENSE

LAVADOS EM SECO

O melhor estabelecimento no seu género no Porto

Satisfazem se para a provincia encomendas à cobrança

Fábrica e Escritório: Rua Costa Cabral, 489
Telefone, 41162

Sucursal: 362, Rua Formosa, 364
Telefone, 22313

DINHEIRO

Empresta-se ao juro da lei sobre todos os artigos que ofereçam garantia. Compra e venda antiguidades, ouro, jóias, etc.

José Mayer
Rua do Loreto, 18 — Telef. 22881

LIVROS

Compro romances e outras obras. Pago melhor. Postal a G. Anselmo — Rua dos Cavaleiros, n.º 80, 1.º, ou carro de livros no Parque Mayer.

ALTERAÇÃO AO HORARIO DOS COMBOIOS — ZONA SUL

Previne-se o Publico que, desde 1 de Abril do corrente ano são alterados os horários das seguintes linhas:

Linha do Sul; Linha do Sado e Ramal de Sines; Linha de Évora e Ramais de Mora, Reguengos e Portalegre; Ramais de Moura, Montijo, Montemor e Aljustrel; Via Fluvial e Transvias entre Lisboa, Seixal e Praias-Sado; Tranvias entre Lagos e Vila Real de Santo António; Tranvias entre Vila Real de Santo António e Lagos.

O pormenor das alterações consta de cartazes afixados nas estações para consulta do Publico que também pode obter esclarecimentos nas Secções de Informações da C. P.

SULFATO DE COBRE

INGLÊS e NACIONAL — (em cristais grossos, médios e moído)

Não comprem sem consutar:

SOC. IMP. E EXP. BASTOS FERNANDES & MAGALHÃES
S. A. R. L.

Paço da Rainha, 54 — LISBOA
Telefs. 41065/50725

O I concurso

de Foquins e Trajos Regionais

na Praia da Nazaré

NAZARÉ, 1 — (Pelo telefone) — Com um tempo excelente, esplendoroso de Sol, e a assistência de milhares de forasteiros, entre os quais numerosos estrangeiros, sobretudo, franceses, está a efectuar-se, à hora de encerrarmos esta edição, o I Concurso de Foquins e Trajos Regionais, que decorre na Praça Sousa Oliveira, para o efeito, devidamente, vedada e ornamentada.

O espectáculo, pelo seu colorido e pitoresco, pode classificar-se de verdadeiramente brilhante, causando a admiração da assistência, principalmente, dos estrangeiros.

Cerca das 15 horas efectuou-se, por entre os mais quentes aplausos, um espectacular cortejo das companhas, com os seus trajos característicos e apetrechos de pesca, entre os quais sobressaíam os foquins, receptáculos em madeira lavrada dos mais originais desenhos de assuntos marítimos, pintados de cores vivas, tal qual como os barcos da faina, onde os pescadores transportam os alimentos, quando vão para o mar.

Desde as primeiras horas da manhã o movimento tem sido intensíssimo, encontrando-se esgotada a lotação dos hoteis e pensões.

Os «cafés» e estabelecimentos similares têm registado invulgar concorrência de clientes.

Pode, pois, considerar-se um autêntico êxito, este I Concurso de Foquins e Trajos Regionais, que constitui, sem dúvida, excelente propaganda dos atractivos turísticos desta região.

CORREIO de ONTEM...

Peixe e pescadores

A crise atinge de maneira impressionante a classe piscatória — vindo de muitos lados notícias alarmantes sobre a precária situação dos seus pobres componentes. De Setubal, por exemplo, dizem que as entidades competentes deviam, a título excepcional, deixar que a pesca e a venda de sardinha fossem agora livres (estamos no período do defeso) pois só desse modo se poderão enfrentar as dificuldades que os lares humildes atravessam. Acrescenta-se (ainda de Setubal) que o bacalhau desapareceu, as pedras do mercado estão limpas, e algum carapau meão, se aparece, vende-se a 13$00, atingindo o alcorraz, «peixe ordinário», o preço de 18$000 cada quilo.

Este tempo...

Baixam as águas do Tejo e de outros cursos de água; mas nos campos devastados ficam assinaladas novas feridas mal saradas, ainda, das anteriores investidas do temporal. Registam-se desmoronamentos de casas no Casal do Mouro (Lourica-Oeste), em Rosmaninhal (Beira Baixa) Folgosa do Douro e Fatela, e de terras sobre a linha férrea entre Ortiga e Belver. O tempo melhora em toda a região do Ribatejo; mas o Douro voltou a inundar os cais do Porto e de Gaia, ameaçando enchente de grandes proporções, segundo notícias provenientes de terras espanholas.

Jornada trágica

Três mortos e doze feridos — acrescenta-se á lista fatídica dos acidentes de viação. Próximo de Olhalvo (Alenquer) foi o motorista António Silvestre Varatojo, 34 anos, de Lisboa, que, conduzindo uma camioneta, encontrou a morte ao fazer uma curva apertada para se afastar de um carro puxado a muares, tendo o veículo caído por um barranco; e no sítio de Barrões (Sousel) morreu colhido por um automóvel do agente comercial sr. António Picarra, um rapazito filho do cantoneiro Jacinto Maria Gordo. No Lobito, faleceu em consequência de um acidente de motocicleta o guarda da P. S. P. José Augusto Gonçalves, de Bragança; e na curva da Senhora da Rocha (auto-estrada, voltou-se uma camioneta com soldados, clarins e tambores que hoje deviam exibir-se no Estádio Nacional, antes do encontro de futebol, sofrendo ferimentos doze.

Várias

O antigo ministro francês sr. Antoine Pinay inscreveu-se no livro de cumprimentos ao sr. Presidente da Republica. ✦ Sir Geoffrey Jefferson, o conhecido neurólogo inglês que veio a Lisboa tomar parte na sessão evocativa do sábio prof. Egas Moniz, foi homenageado com um almoço oferecido pelo presidente do Instituto de Alta Cultura. ✦ Pela sua acção na India Portuguesa, foi louvado o sr. major Diogo de Carvalho, antigo comandante militar de Dio. ✦ Foram apurados em concurso como novos assistentes da clínica cirurgica dos Hospitais Civis de Lisboa os srs. drs. Sérgio Lobato Ferreira, Guilherme Mota da Silva Pereira e Cand[illegible]do Nunes da Silva. ✦ Na Ilha da Ma[illegible]ra realizou-se o funeral dos infelizes [illegible]ze operários sobre os quais caíu, no [illegible]ldeirão Verde, uma enorme massa de [illegible]ras. ✦ Quando examinava uma espin[illegible]da cacadeira, foi atingido pela respec[illegible] carga, e morreu, o funcionário pu[illegible] sr. Carlos Ferrão Tavares, 58 anos, [illegible] Travessa do Noronha, 3, 4.º, dt.º.

Resultados desportivos de hoje

CAMPEONATO NACIONAL DE JUNIORES EM FUTEBOL

O Sporting da Covilhã venceu o Lusitano de Evora por 3-1

Disputou-se esta manhã na Covilhã, o jogo em atraso Sporting da Covilhã-Lusitano de Évora, para o Campeonato Nacional de Juniores em futebol.

A partida foi dirigida pelo sr. Edmundo Neves, de Viseu, e as equipas alinharam da seguinte forma:

SP. DA COVILHÃ — Sebastião; Inocêncio e Cardoso; Benedito, Barroca e Augusto; Ferreira, Almeirão, Marques, Calado e Caio.

LUSITANO ÉVORA — Almas; Charrua e Rebucho; Setúbal, Serôdio e Candeias; Peixe, Quilito, Chico, Rui e Duarte.

A primeira parte, foi de franco equilíbrio para os dois grupos, registando-se «golos» de Chico, aos 15 m., e Almeirão aos 26 m. fez a igualdade, resultado com que terminou a 1.ª parte.

No 2.º tempo, os locais mais expeditos, forçaram o ataque, e obtiveram mais dois «golos» obtidos por Marques aos 25 m., e Calado aos 30 m., fixando o resultado em 3-1.

BASQUETEBOL

Campeonato Nacional — 2.ª divisão e Torneios regionais da A. B. L.

Começou esta manhã a disputar-se o Campeonato Nacional da 2.ª divisão, e prosseguiu com boa regularidade a fase final do torneio regional de Juniores em basquetebol.

Os resultados foram os seguintes:

Nacional 2.ª Divisão — O Sacavenense empatou com o Pena, 34-34; O Vitória de Setúbal, venceu o Arroios por 48-39; o Liberdade ganhou ao Montijo por 62-47; o Sportivo de Pedrouços venceu o Naval de Setúbal por 42-35.

Torres-Combatentes, foi transferido para quinta-feira em Lisboa.

Campeonato de Juniores — Grupo A — Benfica-Queluz, 23-29; Moscavide-Oriental, 27-18; Algés-Sporting, 27-39; e Pedrouços-Maria Pia, 15-15.

Grupo B — C. Ourique-Oriental B, 68-12; Sporting B-Atlético, 25-22 e Liberdade-Atenel, 30-29.

Grupo C — Pena-Sacavenense, 24-22; Universitário-Carnide, 32-17 e Belenenses-Boa Hora, 45-32.

"Arco da Velha,,

Devido á falta de espaço não podemos publicar hoje a nossa habitual secção «Arco da Velha», do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Georgi Malenkov

ex-enigma do Kremlin

fascinou os britânicos

LONDRES, 1. — O ex-primeiro ministro soviético, Georgi Malenkov, em certa altura enigma do Kremlin, deixou os britanicos intrigados e fascinados após uma das mais notáveis visitas feitas á Grã-Bretanha, por um estadista estrangeiro.

Em pouco mais de duas semanas, desde que chegou á Inglaterra á testa de uma delegação de engenheiros russos, Malenkov emanou mais encanto do que a luz das geradoras que ele visitou pode produzir.

Jornais e políticos desta cidade, numa mistura de alarme e uma espécie de receosa admiração, estão a designá-lo como «o maior propagandista de qualquer país». Os articulistas de editoriais, com alguma coisa que se aproxima do pânico, estão a exortar os tradeunionistas a que tomem cuidado, a fim de que a influência de Malenkov não leve os comunistas a conquistarem a supremacia.

Os repórteres internacionais, cínicos e oportunistas, que o têm acompanhado, consideram-no como personalidade enganadora. Entre eles estão a tentar resolver o quebra cabeças de reconciliar o seu carácter bonacheirão e afável com o homem que foi o lugar-tenente de Stáline durante muitos anos, que executou muitas das suas ordens, que caminhou ao longo da corda tensa da política de força do Kremlin, e que desceu, suavemente, segundo parece sem arranhaduras.

A única resposta a que chegaram é a de que a concha, còmodamente nédia, contém dois homens: um, é o homem afável e sentimental, com carinho pelas crianças, que enche os cabeçalhos dos jornais na Grã-Bretanha; o outro é o administrador inteligente, sagaz e provàvelmente implacável que Stáline conheceu.

Os jornalistas que se têm aproximado dele apanharam vislumbres do aspecto férreo da sua natureza. Quando Malenkov dirige perguntas técnicas nas geradoras eléctricas que visita, os seus olhos castanhos endurecem. Quando o sorriso desaparece da sua face ele pode parecer terrível. Os técnicos britânicos viram-no, na sua ocupação, como um perito da energia eléctrica.

Os políticos britânicos, versados no ardil de afastar perguntas embaraçosas, descobriram que Malenkov é um profissional genuino desse jogo. — R.

DO PORTO

ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS — Reuniram os sócios desta associação para votação do Relatório e Contas do ano transacto, sendo esse documento aprovado por unanimidade.

Usaram da palavra vários assistentes que fizeram algumas sugestões, e bem assim o presidente da direcção, sr. Mário do Amaral, que respondeu a todos de forma clara.

Foram aprovados sócios beneméritos os srs. Hermano Machado Monteiro e dr. Pedro José Lobo, ambos de Macau.

Tendo o edifício da Associação de receber obras de vulto, que se iniciam desde já, vão ser encerrados os salões da Biblioteca e do Refeitório, podendo, entretanto, compulsar-se livros, sempre que se pretenda faze-lo, podendo os interessados servir-se da entrada da Rua Rodrigues Sampaio, 140.

EXPOSIÇÃO DE ARTE — O artista pintor Francisco Maia inaugurou no Salão Silva Porto uma exposição de quadros, a qual se encontrará aberta até o dia 10.

Reacções Ocidentais

(Continuado da 1.ª página)

tirada de todos os armamentos atómicos da Alemanha — só foram incluídas no plano russo, com o fim de dividir os ocidentais.

A reunificação alemã e o projecto Pineau

Por ultimo, o redactor deste jornal evidencia a importancia do problema da unidade alemã na questão do desarmamento: «Seria loucura para o Ocidente — enquanto a Alemanha continuar dividida — retirar ou reduzir consideravelmente as suas tropas na Alemanha em contrapartida de uma retirada soviética equivalente. Isto equivaleria a deixar o encargo da solução do problema da unidade alemã aos dois Estados alemães antagonistas. Reconhecer e afirmar publicamente que as questões do desarmamento e da unidade alemã se relacionam, é, na realidade, a nossa melhor esperança de podermos vencer a hesitação da Russia em reconhecer á Alemanha a sua unidade na liberdade. Enquanto a Alemanha estiver dividida, o desarmamento terá de ser limitado severamente».

E conclui: «Talvez Christien Pineau partisse desta ideia quando recentemente declarou que o melhor meio de abordar o problema alemão era fazê-lo do ponto de vista do desarmamento. E' absolutamente essencial que na fase presente, o Ocidente não considere inevitável o beco sem saída num dos domínios mais importantes das relações com a Russia».—F. P.

Atropelamento

Recolheu à sala de observações do Hospital de S. José, Luís Jorge Teixeira Moreira, de 18 anos, operário, residente no Alto dos Toucinheiros, 23, r/c., que foi colhido por uma motocicleta no Largo da Marquesa de Niza.

DESDE 290$00
CASACOS SPORT
Não comprem sem ver o enorme sortido dos Armazéns de S. Julião
Rua dos Fanqueiros, 58
(esq. Rua de S. Julião)

GLYCOL
O IDEAL DA PELE
O único preparado que realiza a máxima beleza dando à pele o raro encanto da mocidade.
A Venda nas boas Casas da especialidade e principais farmácias
Depositários Gerais: Ventura d'Almeida & Pena
Rua do Guarda Mor, 20, 3.º-E. — LISBOA — Telefone 66 4972
Enviamos amostras contra 5$50 em selos do correio

O TABACO E O CANCRO

SAUDE PUBLICA — NECESSIDADES ORÇAMENTAIS E INTERESSES DOS TABAQUEIROS

LONDRES, 1. — Uma campanha nacional advertindo os britânicos do risco do cancro no pulmão, em consequência do fumo, deve seguir-se às instâncias crescentes dos políticos, médicos e jornalistas para que sejam comunicados pormenores completos dos efeitos do cigarro na saúde da nação.

O governo britânico está a pensar no lançamento dessa campanha, ao mesmo tempo que entre os peritos sanitários se sente preocupação pelo aumento do cancro do pulmão. Mas a ansiedade manifestada em muitos meios oficiais ainda não tocou os fumadores. E isso porque os britânicos estão a fumar mais.

Verifica-se que aumentou a média nacional de 47 cigarros por semana para 50, embora os receios de que o cancro do pulmão será causado pelo fumo tenham sido manifestados no Parlamento há já dois anos.

Agora, o ministro da Saúde, Robert Turton, repetiu que as pesquisas demonstraram que há uma «ligação causal» entre essa «temerosa doença» e o fumo. Esta semana, disse ele na Câmara dos Comuns que o governo tentava determinar todos os factos conhecidos sobre o assunto. Respondendo a perguntas que lhe foram dirigidas, disse que estavam a ser estudados todos os resultados de pesquisas, incluindo o facto de os anos que se seguem aos 40 e aos 50 serem os anos mais perigosos na idade do homem, e em que o fumo se pode com maior probabilidade tornar um factor do cancro.

Tinha sido pedido a Turton que actuasse imediatamente sobre um relatório dos conselheiros médicos governamentais pedindo que o público fosse informado sobre «o que se sabe acerca das relações entre o fumo e o cancro pulmonar, e os riscos envolvidos em fumar em demasia».

O influente «British Medical Journal» tem orientado a luta dos médicos para prevenir o público acerca dos artigos. Recentemente declarou que os indivíduos que abandonassem o fumo poderiam ter razoàvelmente a esperança de que uma «redução substancial dos riscos de contraír cancro pulmonar poderia ser conseguida».

Necessidade de esclarecer

as relações de causa entre o cancro e o tabaco

O jornal conservador «Daily Mail» disse esta semana ser a altura do veredito do governo ser conhecido sobre a controvérsia. Afirma que em anos recentes as mortes devidas ao cancro dos pulmões tinham revelado um impressionante aumento. Contudo, os peritos continuavam a arguir sobre se o fumo, especialmente os cigarros, tinham a responsabilidade principal.

«Os americanos fumam muito mais cigarros, «per capita», do que os britânicos, e, contudo, as manifestações de cancro pulmonar são na Grã-Bretanha duas vezes mais do que naquele país», diz o «Daily Mail».

O liberal «News Chronicle» afirma «haver fortes provas estatísticas, embora não haja provas científicas, de que o fumo contribui para auxiliar a origem do cancro. No momento em que tenha sido estabelecida a prova, deve ser feita uma campanha nacional imediata destinada, particularmente, às crianças em idade escolar», acrescenta.

Peritos financeiros afirmam que se o governo classificar o fumo como uma ameaça para a saúde, poderá dar-se uma descida nos impostos sobre os cigarros. O tabaco vem logo em segundo lugar como grande fonte de receita do governo, como impostos. Dos 880 milhões de libras por ano que os britânicos gastam em tabaco, o governo recebe 660 milhões.

As próprias companhias de tabaco têm também pedido mais reforços para se obter a verdade. Contribuiram com 250.000 libras para o «Medical Research Council» para investigação sobre o cancro pulmonar. — R.

Domingo de Páscoa

No Albergue da Mendicidade

O Grupo Dramático e Musical do Albergue da Mendicidade (Mitra) realizou, hoje, como habitualmente em Domingo de Páscoa, no seu teatro privativo, uma récita dedicada aos albergados, subscritores e outras pessoas amigas daquela instituição. Houve, ainda, almoço melhorado, durante o qual tocou a banda daquele grupo e o jantar, que se efectuará às 18 horas, será também melhorado.

Casa do Concelho de Ovar

A Comissão de Beneficência e Recreio da Casa do Concelho de Ovar realizou hoje, na sua sede, uma interesante festa denominada sugestivamente «Pascoa dos Vareirinhos» e que decorreu muito animadamente. A cada uma das crianças presentes foi oferecido um folar e um pacote de amêndoas.

Entrega de prémios escolares em Vila Franca de Xira

A comissão administrativa da delegação, em Vila Franca de Xira, da Liga dos Combatentes da Grande Guerra promove, na sua sede, no Largo do comendiador Miguel Esguelha, 5, no dia 8, uma sessão para entrega de prémios escolares aos setenta e um adultos que, desde o ano lectivo de 1953-54, frequentaram, com aproveitamento, o curso nocturno de educação de adultos, na escola de ensino primário numero 8, da mesma Liga.

E' à França

QUE DEVEMOS A LIBERDADE

e será na cooperação séria, real e duradoira que prosseguiremos o nosso movimento disse o chefe tunisino Bourguiba

SFAX, 1. — O presidente do Neo-Destour, Habib Bourguiba, que efectuou uma viagem de vários dias, na região de Sfax, tomou ontem a palavra, perante milhares de tunisinos, na capital do Sahel, sobre o tema: «a independência que deu á Tunisia e ao seu povo, o direito de se governarem a si próprios». Falando em árabe, que depois traduziu para francês, declarou: «É na cooperação séria, real e duradoira, decidida livremente que deve prosseguir o nosso movimento, pois estou convencido de que um povo que se isola, como era o nosso caso, perde toda a autoridade. Esta perda de autoridade não começou com o protectorado, mas muitos séculos antes. Foi esta degenerescência que provocou o desembarque francês na Tunisia». E, continuando, afirmou: «É á França que devemos a nossa liberdade. Foi a França que depois de lutas, lágrimas e sangue, nos deu a independência. Este facto ajuda-nos a esquecer o passado. De resto, o que se passou, não representa um abismo entre nós». E, concluindo, disse: «Podemos fazer, no respeito mutuo, um longo caminho juntos, e seguir os dois no caminho que nos levará á grandeza que estamos decididos a encontrar». — F. P.

Estado de saude

da população americana

NOVA YORK, 1. — Organizado pelo Comité do Cancro, de Nova York, realizou-se ontem, no Centro Médico, uma inspecção para exame completo do estado de saude, á qual, se apresentaram 412 dirigentes de firmas importantes e representantes de profissões liberais. Dos 208 casos examinados, até agora, 25 apresentam sintomas de lesões cancerosas, e 100 revelaram sintomas de lesões cardiacas, de perturbações osseas ou musculares. — F. P.

Paz, Prosperidade e Progresso

(Continuado da 1.ª página)

as preferências do presidente Eisenhower.

Candidato á renovação do mandato presidencial, o chefe do Governo americano deseja ser, acima de tudo, o «Presidente da Paz». O seu estribilho eleitoral de 1952 era pôr fim á guerra da Coreia. Consegui-o. Hoje, o Partido Republicano, escolhe para tema da futura consulta popular: «Paz, prosperidade e progresso».

O «Presidente da Paz» dirige efectivamente a política externa do seu país

Eisenhower sempre exprimiu a opinião de que para alcançar o primeiro destes objectivos, o contacto pessoal, entre os dirigentes do mundo, era a melhor fórmula. Prova-o a sua troca de correspondência com os marechais Bulganine e Jukov. Sempre foi de opinião que, embora a Conferência de Genebra não tivesse resultados imediatos, criou um ambiente novo. A doença e a convalescença afrouxaram o ritmo da sua acção pessoal. Mas o regresso a uma actividade normal permitiu-lhe organizar a reunião dos três «Grandes» do continente americano. A visita do primeiro ministro indiano, em Julho, harmoniza-se perfeitamente com as intenções do presidente. Será desprovida de formalismo e de protocolo.

O ciclo das conversações directas não ficará certamente por aqui. Fala-se de outros encontros nas altas instancias, quer em Washington, quer mesmo no estrangeiro. Oficialmente, não são confirmados nem desmentidos. É de concluir que a ideia existe. No entanto, as viagens do presidente ao estrangeiro levantam certos problemas constitucionais ou parlamentares, especialmente em ano eleitoral. Mas a convicção do presidente de que os contactos directos são uteis é perfilhada pelos estrategas do Partido Republicano provam, no seu entender, que o presidente dirige na realidade a politica externa do país e é, de facto, o (Presidente da Paz»; provam ainda que, contràriamente ás alegações dos democráticos, a actividade do presidente é hoje tão completa como antes do ataque cardiaco.

Apesar de tudo, os diplomatas profissionais mostram-se reticentes. Reconhecem o papel pessoal que o chefe do Governo, dada a sua grande simpatia, pode desempenhar na solução dos problemas internacionais. Mas receiam as «fases de euforia», as esperanças vãs alimentadas pela opinião publica. — F. P.

Os novos receptores NORDMENDE do ano de construção 1955/56 são o resultado de um trabalho de desenvolvimento com uma alta finalidade. Em capacidade, fácil manejo e criação arquitectónica, apresentam consideráveis melhoramentos e maior precisão. No lugar do BOM é CONSAGRADO surge ainda MELHOR. No intuito de oferecer ao público mais ainda em qualidade de som, capacidade e precisão técnica, desenvolveram os Engenheiros da NORDMENDE, uns

REGISTOS DE SOM

com os quais são equipados os novos modelos. Através de estes REGISTOS DE SOM, de grande merecimento, a audição do T.S.F. entra num novo estado. Se a técnica 3D representava já um progresso reconhecido, os novos REGISTOS DE SOM atestam um desenvolvimento de muito agrado para os exigentes musicais. Assim se criou algo de completamente novo, dando ao ouvinte a possibilidade de ele próprio colaborar na recepção das emissões. Tal como o organista puxa os registos do órgão para moldar o som, consoante as exigências da peça musical, basta um leve toque nas teclas dos REGISTOS DE SOM — Baixos, Voz, Orquestra, Solo e Jazz para cada emissão surgir surpreendentemente, verdadeira e fiel.

Os REGISTOS DE SOM são uma criação de efeitos surpreendentes, uma ideia genial que encontrou a sua realização impecável e convincente)

A MAIOR FÁBRICA DE RÁDIOS DA ALEMANHA

A VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS DA ESPECIALIDADE